

# **Famílias transnacionais e circulação de cuidados**

## **Uma etnografia da migração filipina em Macau e Portugal**

**Nome: Maria Helena Amador Rodrigues Cruz**

**Orientador: Prof. Doutora Irene Assunção Raposo Rodrigues**

Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
em Antropologia

Lisboa

2018

[WWW.ISCSP.ULISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.ULISBOA.PT)

**NOME:** Maria Helena Amador Rodrigues da Cruz

**MESTRADO EM:** Antropologia

**ORIENTADOR:** Prof. Doutora Irene Assunção Raposo Rodrigues

**DATA:** 5 de julho de 2018

**TÍTULO DA TESE:** Famílias transnacionais e circulação de cuidados - Uma etnografia da migração filipina em Macau e Portugal

## **RESUMO**

A migração filipina é tida como um dos casos-tipo na origem do conceito de transnacionalismo, cerca de 10% da população filipina trabalhava e/ou residia fora do país, espalhada por 200 países ou territórios. Esta investigação pretende abordar a circulação de cuidados em famílias filipinas cujas vidas quotidianas se constroem entre a terra de origem, Macau e Portugal, tendo sido orientada pela seguinte questão central: como é que, em situação de dispersão territorial dos seus membros, as famílias transnacionais filipinas reconfiguram laços e sentimentos de família e criam redes de circulação de cuidados entre as Filipinas, Macau e Portugal?

O enfoque foi colocado nas famílias e no seu contexto histórico e cultural específico, procurando compreender os significados construídos pelas famílias filipinas na sua interpretação da realidade. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, tendo como método de investigação a etnografia. O terreno decorreu em Lisboa (Portugal) e em Macau (RP China), seguindo a pesquisa etnográfica multisituada.

**Palavras Chave:** (Migração, filipinas, transnacionalismo, famílias, Macau, Portugal)

## **Transnational Families and circulation of care: An ethnography of Filipino migration in Macao and Portugal**

### **ABSTRACT**

Filipino migration is considered one of the standard cases in which the concept of transnationalism originated, about 10% of the Filipino population worked and / or resided abroad, spread over 200 countries or territories. This research intends to approach the circulation of care in Filipino families whose daily lives are built between the land of origin, Macau and Portugal, having been guided by the following central question: how, in a situation of territorial dispersion of its members, do the Philippine transnational families reconfigure ties and family feelings and create care circulation networks between the Philippines, Macau and Portugal?

The focus was placed on families and their specific historical and cultural context, seeking to understand the meanings built by Filipino families in their interpretation of reality. The research followed a qualitative approach, having as research method the ethnography. The field was held in Lisbon (Portugal) and Macao (PR China), following the multi-sited ethnographic research.

**Keywords: (Migration, Philippines, transnationalism, families, Macao, Portugal)**

## Agradecimentos

Primeiro gostaria de agradecer a todos os meus entrevistados que, com a sua simpatia e disponibilidade, possibilitaram o acesso aos seus percursos e histórias de vida.

Agradeço também a paciência e motivação constantes da Prof. Irene Rodrigues que me acompanhou neste percurso de forma incondicional, bem como à Prof. Celeste Quintino que me disponibilizou conselhos e inspiração para esta investigação.

Este estudo foi financiado pela Fundação Macau, tendo sido um apoio inestimável para concluir este trabalho. Também devo agradecer ao Instituto do Oriente em especial ao Prof. Carlos Piteira e ao Instituto Internacional de Macau, na pessoa do Dr. António Monteiro, pelo apoio e acompanhamento na minha estadia em Macau, que facilitaram o trabalho de campo em Macau.

À minha família e amigos pelo apoio, incentivo e por me concederem tempo e espaço para este trabalho.

## ÍNDICE

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>iv</b>
<b>Índice de Tabelas.....</b>	<b>vii</b>
<b>Índice de Fotos .....</b>	<b>viii</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>ix</b>
<b>LISTA DE ACRÓNIMOS .....</b>	<b>x</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Apresentação do Tema e Objetivos .....</b>	<b>11</b>
<b>Enquadramento teórico .....</b>	<b>12</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1 - Mobilidade e transnacionalismo filipinos.....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 2 - Famílias transnacionais em Macau e Portugal.....</b>	<b>24</b>
2.1.1 Viver, trabalhar e não residir? .....	27
<b>2.2 Estratégias e percursos de mobilidade de Filipinos em Macau .....</b>	<b>28</b>
2.2.1 Residentes: o fluxo anterior a 1999.....	29
2.2.2 Trabalhadoras não-residentes .....	30
2.2.3 Residentes e não residentes o mesmo local, realidades diferentes.....	33
2.2.4 Macau e Hong Kong: percursos paralelos no tratamento de migrantes? .....	35
<b>2.3 De Macau a Portugal: Filipinos na região de Lisboa .....</b>	<b>37</b>
2.3.1 Percursos filipinos em Portugal .....	38
<b>2.4 O papel das instituições: A Igreja, a Embaixada e as Associações .....</b>	<b>44</b>
<b>Capítulo 3 - A circulação de cuidados e a construção de laços e sentimentos de família....</b>	<b>48</b>
3.1. Superar a ausência .....	48
3.2 A comunicação e a Presença digital .....	50
3.3 <i>Balikbayan</i> – As encomendas de amor.....	53
3.4 As Remessas e investimentos na economia filipina .....	55
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>57</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>61</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>68</b>

<b>Anexo 1 .....</b>	<b>69</b>
<b>Mapa Sudeste Asiático .....</b>	<b>69</b>
<b>Anexo 2 .....</b>	<b>70</b>
<b>Mapa das Filipinas.....</b>	<b>70</b>
<b>Anexo 3 .....</b>	<b>71</b>
<b>Conteúdo das caixas <i>Balikbayan</i>.....</b>	<b>71</b>
<b>Anexo 4.....</b>	<b>72</b>
<b>Guião de entrevista .....</b>	<b>72</b>

## Índice de Tabelas

### TABELA 1: TRABALHADORES NÃO RESIDENTES EM MACAU POR NACIONALIDADES MAIS

REPRESENTATIVAS .....	26
-----------------------	----

## Índice de Fotos

FOTO 1: FILPINOS NO LARGO DO SENADO MACAU .....	36
FOTO 2: LOJA DE ENVIO DE MERCADORIAS (MACAU).....	55



## Índice de Figuras

FIGURA 1: MODELO DE ANALÍSE.....	18
FIGURA 2: TOP 10 - PAÍSES DE DESTINO PARA OS FILIPINOS.....	23

## **LISTA DE ACRÓNIMOS**

CFO – Commission on Filipinos Overseas

DSEC - Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (Macau)

EASA – European Association of Social Anthropologists

EUA – Estados Unidos da América

HK – Hong Kong

IAS – Instituto de Acção Social (Macau)

MOPS – Pataca macaense, moeda oficial de Macau

OIM – Organização Internacional para as Migrações

ONG – Organização não governamental

OWWA – Overseas Workers Welfare Administration

PIB – Produto Interno Bruto

POEA – Philippine Overseas Employment Administration

RAEM – Região Administrativa Especial de Macau

RP – República Portuguesa

RPC – República Popular da China

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (Portugal)

## Introdução

### Apresentação do Tema e Objetivos

Esta investigação pretende abordar a circulação de cuidados em famílias filipinas cujas vidas quotidianas se constroem entre a terra de origem, nas Filipinas, Macau e Portugal.<sup>1</sup> A mobilidade e a circulação na vida das famílias são tópicos de pesquisa que ganharam relevância na antropologia para compreender o mundo contemporâneo, sobretudo a partir da década de 1990. Desde a obra de referência *Nations Unbound* (Basch, Schiller & Blanc, 1994) que o foco tem sido colocado nas novas formas de migração e transnacionalismo (Faist, 2010; Schiller & Salazar, 2013), e na reconfiguração das pertenças e redes de relações sociais que conectam origens e destinos, obrigando a repensar temas clássicos da antropologia como o parentesco, a política e a economia (Levitt & Jaworsky, 2007; Boccagni, 2012), sendo que as lentes da mobilidade e da circulação têm permitido analisar estas questões em vários contextos, designadamente na União Europeia e no Sudeste Asiático (Vertovec 2009). Em 2016 o interesse dos antropólogos pelas várias formas de mobilidade e circulação no Sudeste Asiático justificou a proposta de um painel dedicado ao tema da Conferência bianual da *European Association of Social Anthropologists* (EASA). As famílias transnacionais constituem uma das linhas de pesquisa mais dinâmicas, designadamente no que se refere à população filipina (R. S. Parreñas 2001), sendo que alguns estudos têm mostrado a importância da circulação de cuidados na migração filipina (Bryceson e Vuorela 2002). Apesar do elevado número de migrantes filipinos em Macau, não foi possível identificar estudos sobre as suas redes transnacionais de cuidados. Também em Portugal, apesar do número mais reduzido de migrantes, a investigação sobre este tema é muito reduzida.

Assim, a presente investigação foi orientada pela seguinte **questão central**: Como é que, em situação de dispersão territorial dos seus membros, as famílias transnacionais filipinas

---

<sup>1</sup> Esta introdução recupera parte do texto originalmente apresentado no projecto de investigação da presente dissertação de mestrado (Cruz 2017).

reconfiguram laços e sentimentos de família e criam redes de circulação de cuidados entre as Filipinas, Macau e Portugal?

Para conseguir resposta a esta questão central estabeleci as seguintes **questões secundárias**: Quais as estratégias de mobilidade e os percursos das famílias filipinas? Quem são os membros das redes familiares? Que laços e vínculos mantêm entre si e que posições ocupam? Qual a natureza e o tipo de recursos trocados nas redes familiares filipinas? Quais as práticas, que instituições e canais estão e como estão implicados na circulação de cuidados?

Assim, identifiquei como **objetivo geral** da pesquisa: descrever as estratégias de mobilidade das famílias filipinas e analisar as suas redes de circulação de cuidados e os processos de reconstrução dos laços e sentimentos de família à distância. Este objetivo geral foi decomposto nos seguintes **objetivos específicos**, que se conjugam com as questões anteriormente referidas: Identificar as estratégias de mobilidade levadas a cabo pelas famílias filipinas, nomeadamente a criação e aproveitamento de oportunidades; Identificar e descrever os membros das redes familiares, os laços e vínculos que os ligam e as posições que ocupam na rede familiar; Identificar a natureza e o tipo de recursos trocados nas redes familiares filipinas; Identificar e descrever as práticas de troca, designadamente as instituições e canais e o modo como estão implicados na circulação de cuidados.

## **Enquadramento teórico**

O movimento das populações no contexto internacional tem sido objeto de interesse nas ciências sociais que tem produzido diversas teorias sobre as causas na origem destes movimentos. Como nota Massey, as migrações são um campo de estudo multidisciplinar que procura compreender os processos migratórios, e dada a sua natureza complexa e multifacetada, será necessária uma teoria que englobe várias perspetivas e níveis de análise (Massey, et al. 1993). Castles & Miller (1998) enquadram as teorias da atração-repulsão, a teoria neoclássica e a teoria do capital humano no âmbito do paradigma funcionalista, que vê a sociedade como um sistema orgânico, com tendência para o equilíbrio. Assim as migrações são vistas como algo positivo. Estas são teorias clássicas sobre os movimentos

migratórios e têm um enfoque eminentemente económico. Ainda de acordo com os mesmos autores as debilidades destas teorias conduziram à inauguração de um paradigma alternativo e crítico, o histórico estruturalista, que aponta para a importância das estruturas sociais, económicas, culturais e políticas, no reforço do desequilíbrio, sendo que as desigualdades estruturais no mundo são atribuídas à distribuição desigual entre os poderes económico e político (Castles e Miller 1998). Estudos sobre o capital social revelam que a teoria das redes sociais de Massey (1993, 448-449) confirma que a utilização de redes familiares, amigos e conhecidos favorecem os processos de inserção laboral e social, nos destinos escolhidos.

Se as teorias sobre migração se basearam na procura das causas para a migração, nos anos 1990 a abordagem transnacional sobre o fenómeno migratório veio trazer uma nova perspectiva sobre a forma e os processos da migração. Os estudos sobre o transnacionalismo protagonizaram uma rutura com as análises mais polarizadas territorialmente sobre origens e destinos. É apresentada como definição fundadora, a das autoras Basch, Schiller, & Blanc (1992), que definem o transnacionalismo como “*processos através dos quais os imigrantes constroem campos sociais que ligam os seus países de origem e de destino*”. Em *Nations Unbound* (Basch, Schiller e Blanc 1994) é apresentada uma proposta de enquadramento analítico, inovadora para o estudo das migrações. Este novo paradigma tem como base o contexto global: uma nova divisão internacional do trabalho, as novas tecnologias e a expansão das redes sociais (*social media*). Esta nova abordagem permite focar contextos até aí não evidenciados como o desenvolvimento de redes, atividades políticas e económicas, padrões e estilos de vida que ultrapassam as fronteiras entre países de origem e de acolhimento (Basch, Schiller e Blanc 1992, 4).

Esta abordagem às migrações já tinha sido ensaiada nos estudos sobre a globalização, e a crítica ao nacionalismo metodológico. Appadurai (1996) e Gupta (1992) abordam as questões da globalização e da identidade no contexto destes novos fluxos migratórios, demonstrando que, historicamente, os migrantes mantiveram redes com os locais de origem, passaram fronteiras e reconfiguraram identidades, mas é a lente do transnacionalismo que elabora uma crítica mais sustentada ao nacionalismo metodológico, propondo deixar de compreender a identidade (dos migrantes) como uma unidade contida

nos limites do estado-nação. O transnacionalismo como forma de compreensão da migração tem-se transformado, ao longo das últimas décadas, numa dinâmica de crítica e reconfiguração, que vêm clarificar os espaços sociais onde a migração transnacional ocorre, e a forma como se constroem estas estruturas sociais (Levitt e Jaworsky 2007). Neste sentido emergiram desenvolvimentos teóricos com várias abordagens conceptuais sobre os modos, níveis, extensão e impactos do transnacionalismo, tendo sido importantes os conceitos de redes sociais, capital social e *embeddedness* (Vertovec 2009). Assim como refere Rodrigues (2015) *“a conceptualização da migração a partir de uma postura transnacional trouxe inegável dinamismo conceptual e de pesquisa no campo da mobilidade internacional”*, sendo esta a abordagem teórica que utilizei para a presente investigação.

Uma das dimensões do transnacionalismo quotidiano refere-se às famílias, instituição influenciada pelos laços transnacionais, sendo que em muitos casos, como o que é tratado nesta pesquisa, a vida familiar foi modificada à luz das práticas transnacionais (Bryceson e Vuorela 2002). Esta dimensão da migração é identificada com o conceito de família transnacional que não sendo fenómeno exclusivo das famílias filipinas, a literatura dá relevância a esta comunidade devido à migração filipina feminina para o mercado de trabalho global (M. & Semyonov 2008), contudo outros estudos têm sido realizados sobre outras comunidades, como por exemplo o trabalho de Huang (2005) sobre as mulheres Chinesas em Singapura, ou o estudo de Pribilsky (2004) sobre migrantes do Equador.

Aqui por transnacional entende-se, como referido na literatura, as ligações entre vários campos sociais, sendo um dos quais a família, ligações que operam através da regular circulação de bens, recursos, indivíduos, e informação entre fronteiras (Rouse 2011). Os estudos sobre esta dimensão particular da migração transnacional realçam os objetivos individuais das famílias e o modo como estes fazem uso e beneficiam da dependência das suas redes familiares (Bryceson e Vuorela 2002). Daqui surgem questões como: que fatores contribuem para a identidade das famílias transnacionais; como é que os seus membros se relacionam ao longo dos seus ciclos de vida; como é que se criam pontes considerando as distâncias geográficas existentes; como são construídas as comunidades e redes internacionais mais extensas; como se acomodam aos diferentes estados-nação? As autoras definem famílias transnacionais como famílias que vivem algum tempo ou a maior parte do

tempo separadas, contudo apesar da distância física conseguem criar algo que pode ser visto como um sentimento de bem-estar coletivo e de unidade, nomeadamente o sentimento de família (Bryceson e Vuorela 2002). Parreñas (2001), por seu turno, analisa as consequências emocionais da distância geográfica na migração feminina filipina, examinando os mecanismos através dos quais mães e filhos ultrapassam a distância. Também Baldassar & Merla (2013) nos levam a compreender a natureza da mobilidade e da ausência na vida familiar contemporânea, explorando a forma como os membros das famílias se cuidam através de processos de trocas recíprocas lidando com as dificuldades práticas e emocionais de viver à distância, sublinhando a importância das relações sociais, na vertente da circulação de cuidados.

O posicionamento do transnacionalismo no paradigma das “*novas mobilidades*” (Faist, 2010; Urry, 2002) destaca precisamente o modo como as novas características da mobilidade, designadamente a relação entre transportes e comunicações, produzem novas combinações de presença e ausência entre pessoas. Urry (2002) considera que a mobilidade em geral é central para cimentar as redes sociais, e as viagens físicas são particularmente importantes para manter o contacto face-a-face, criar laços e conexões sociais, sendo por isso crucial compreender como podem ser mantidos padrões de confiança social na ausência da co-presença. A partir da observação da circulação de pessoas e objetos no comércio informal entre cidades do mediterrâneo, Tarrius (2002) desenvolveu a noção de *territórios circulares* para descrever a organização social e espacial das mobilidades. Um conceito que Schmoll & Semi (2013) desenvolvem com *shadow circuits* ou circuitos sombra para identificar a mobilidade e a invisibilidade dos migrantes.

Conceitos como mobilidade e circulação são fundamentais para a minha abordagem à migração filipina em Lisboa e Macau, ao focar o que se move e circula e adicionando-lhe as noções da troca e reciprocidade que na antropologia aparecem há muito ligadas à troca e à circulação (Mauss, 2002; Malinowski, 1932; Lévi-Strauss, 1969). A vida social é um constante dar e receber, dar e retribuir são obrigações (Mauss 2002) que podem assumir formas diferentes tendo em conta os diferentes contextos. O cuidado nas famílias transnacionais junta os membros das famílias numa rede de reciprocidade e obrigações, neste sentido o

cuidar e a capacidade para a troca pode ser entendida como um tipo de recurso ou uma forma de capital social (Mckay 2007) (Baldassar e Merla 2013, 7).



## Metodologia

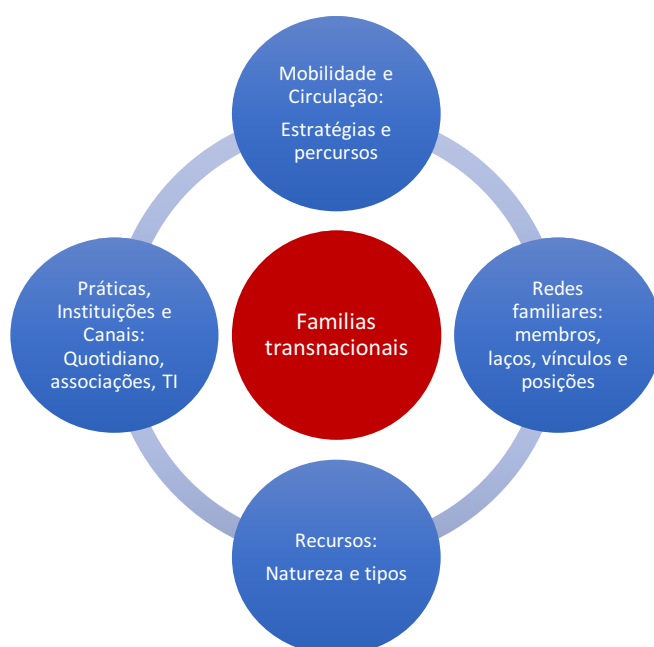
Nesta investigação utilizei o paradigma do construtivismo, no sentido de compreender o mundo em que vivemos (Creswell 2014), em particular as famílias transnacionais filipinas a residir em Macau e Portugal, na componente específica da circulação de cuidados. O enfoque foi colocado nas famílias e no seu contexto histórico e cultural específico, procurando compreender os significados construídos pelas famílias filipinas na sua interpretação da realidade. O processo de investigação foi indutivo procurando interpretar significados a partir dos dados recolhidos em campo. A abordagem escolhida foi a abordagem qualitativa que segundo Creswell, (2014) apresenta-se como a mais adequada em situações de pesquisa que privilegiam o modo como os participantes experienciam a situação a estudar, e em que o investigador é um instrumento chave na recolha de dados. No âmbito da abordagem qualitativa utilizei como método de investigação a etnografia, especialmente vantajosa para recolha e registo de informação relativa aos locais e às vivências associadas à experiência da migração (Hammersley & Atkinson, 1995). O terreno decorreu em Lisboa (Portugal) e em Macau (RP China), seguindo a proposta de pesquisa etnográfica multisituada de Marcus, abrangendo uma ordem social maior e múltiplos locais de observação e participação (Marcus, 1995). Os dados produzidos foram sujeitos a uma análise de conteúdo qualitativa, com produção de matrizes e identificação de categorias (Bernard, 2006).

Inicialmente, a pesquisa começou com recolha e análise bibliográfica e documental sobre antropologia social e cultural, métodos de investigação em ciências sociais, migrações, transnacionalismo, famílias transnacionais, circulação, etnografias sobre estas temáticas no contexto asiático e europeu, privilegiando-se Macau, Portugal e Filipinas. O universo de investigação foram famílias transnacionais filipinas a residir em Macau e em Lisboa, selecionadas para participar através de uma amostragem não probabilística, com recurso à técnica de amostragem em bola-de-neve (Bernard, 2006), tendo sido aplicadas entrevistas semiestruturadas a alguns dos membros das famílias. No total foram realizadas 21 entrevistas, 11 em Macau e 8 em Lisboa.

Esta viagem etnográfica teve início com o estabelecimento de contactos exploratórios com a comunidade filipina em Lisboa, na igreja onde se reúnem aos domingos e em eventos organizados pela Associação Filipino Portuguesa. Em Macau recorri a residentes locais que pudessem facilitar o acesso à comunidade filipina do território, com o apoio do Instituto Internacional de Macau. Os contactos e a pesquisa bibliográfica e documental apontam para a existência de cerca de 2 000 filipinos a residir em Lisboa, e a trabalhar especialmente no trabalho doméstico e na restauração. Esta migração para Portugal terá iniciado por volta do ano 2000, após o *handover* de Macau à China. Em Macau os migrantes Filipinos têm um estatuto de trabalhadores temporários não residentes e também exercem atividade sobretudo no setor doméstico e hotelaria, em 2013 totalizavam 17 922 (CFO, 2013).

Esta investigação segue o Código de Conduta e Boas Práticas da Universidade de Lisboa, compreendendo e aceitando as implicações éticas relativamente ao trabalho de campo, tendo sido acautelados os deveres relativos ao consentimento informado de todos os participantes, bem como a garantia de anonimato para a proteção da identidade dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos. Os nomes constantes nesta dissertação são fictícios, apesar de nenhum dos participantes o ter solicitado.

**Figura 1: Modelo de análise**



## Capítulo 1 - Mobilidade e transnacionalismo filipinos

No contexto das migrações os antropólogos têm explorado os movimentos de pessoas entre as fronteiras, as relações sociais, económicas, políticas e culturais entre os membros da família e a comunidade, apesar das longas distâncias (Cruz 2017). Estes movimentos internacionais e a integração nos setores formais e informais da força laboral assumem múltiplas formas. Schiller, Basch, & Blanc (1994) consideraram a migração filipina como um dos casos-tipo na origem do conceito de transnacionalismo. De acordo com Maruja (2006), no final de 2004, 10% da população filipina trabalhava e/ou residia fora, espalhada por 200 países ou territórios.

Na secção que se segue procurarei elucidar sobre os antecedentes históricos da emigração, destacando o papel do Estado filipino neste processo histórico.

### 1.1 O processo de desenvolvimento de uma cultura de migração: os migrantes e o Estado

No seu livro, *The Philippines Culture of Migration* (2006), Asis Maruja demonstra a importância da relação colonial das Filipinas com os EUA, desde final do século XIX, e das crises económicas, já depois da independência em 1946, para o desenvolvimento de uma cultura de migração naquele território.

Estima-se que em 1930 estivessem cerca de 150 000 filipinos nos EUA. Até à assinatura do “*Philippines Independent Act*”, em 1934, os filipinos eram considerados “nacionais” (não cidadãos) nos EUA, depois dessa garantia da independência ficaram sujeitos às quotas de imigração nos EUA. A partir de 1965, com a “*Immigration and Nationality Act*”<sup>2</sup> é que a migração filipina cresceu e se diversificou para os EUA e outros territórios, como o Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Europa e Japão (2006).

Ainda de acordo com Maruja (2006), terá sido a crise petrolífera de 1973, que transformou as Filipinas num dos maiores exportadores mundiais de mão-de-obra, dado o grande

---

<sup>2</sup> Lei que aboliu o sistema de quotas nos EUA, baseado na nacionalidade, e criou categorias de vistos com base nas qualificações e relações familiares com cidadãos dos EUA.

crescimento populacional à época. O então Presidente Ferdinand Marcos, criou o programa de governo para o emprego no estrangeiro, face à procura de mão-de-obra para projetos de infraestruturas pelos países da região do Golfo. Esta política era considerada temporária.

Apenas em 2001 o governo filipino assumiu essa política de promoção da migração, que na prática já acontecia, e a *Philippine Overseas Employment Administration* (POEA) tornou-se a agência governamental responsável pela colocação de trabalhadores no estrangeiro, pelos preparativos da partida, pelo licenciamento, regulação e monitorização das agências privadas de recrutamento (Maruja 2006).

Maruja destaca ainda mais duas agências governamentais: a *Overseas Workers Welfare Administration* (OWWA), responsável pelo apoio e suporte aos migrantes no estrangeiro e às suas famílias nas Filipinas, e ainda a *Commission on Filipinos Overseas* (CFO) que desenvolve programas e serviços para os migrantes permanentes, cujas práticas são vistas por outros países asiáticos como exemplos devido aos seminários de orientação para a partida, a colocação de funcionários destacados nos principais países de destino, e a formação em determinadas áreas profissionais (Maruja 2006). Porém, permanecem vulnerabilidades e incapacidades da parte do governo filipino, e que ficaram particularmente expostas em 1995, no processo que conduziu à execução de Flor Contemplación<sup>3</sup> (Castles & Miller, 1998).

Solomon (2009) sublinha o modo como a institucionalização da política migratória levou a uma desterritorialização do Estado Filipino com implicações para a democracia e para a democratização. O Estado beneficia do envio sustentado de remessas, mas enfrenta o desafio de manter a legitimidade democrática num contexto global e adequar-se às alterações de cidadania e direito ao voto, por exemplo. Em 2003 foi aprovada a “*Absentee Voting Bill*”, lei que permitiu que os oito milhões de filipinos no estrangeiro possam exercer o seu direito de voto, embora só um número reduzido de migrantes exerça este direito. Também foi aprovada a lei da dupla cidadania, num claro esforço de manter relações de proximidade com o país de origem, encorajar o investimento e possibilitar que novas redes económicas possam ser criadas e mantidas (Solomon 2009, 299). A este respeito, no terreno

---

<sup>3</sup> Trabalhadora doméstica condenada e executada por homicídio em Singapura, que provocou grandes protestos de revolta nas Filipinas, pois a população considerava-a inocente e que o governo Filipino não protegia convenientemente os seus trabalhadores migrantes.

verifiquei que os meus entrevistados não só exercem este direito de voto, como também manifestam apoio ao atual Presidente R. Duterte, pelo esforço em acabar com a corrupção e a droga. Solomon (2009) acrescenta que a figura do migrante como “*novo herói nacional*” tornou-se a imagem que molda as novas articulações e pertenças políticas nas Filipinas (2009, 283).

Oh (2016), por seu turno, considera que a emergência de uma política migratória nas Filipinas é melhor compreendida no contexto do poder e dos interesses das elites do país. Estas elites, que denomina de oligarcas dominam os departamentos governamentais, mas também em muitos dos setores económicos, permitiram e apoiaram a implementação e a organização da política migratória, mas não se envolveram no setor de atividade da migração, pois não é uma actividade rentável. Todavia, as remessas dos migrantes permitiram aumentar o poder de compra nas Filipinas e consequentemente o crescimento de alguns setores como a construção, o comércio e as telecomunicações (Oh 2016, 8-12).

Apesar do Presidente Rodrigo Duterte, eleito em Maio de 2016, não pertencer à elite, deu sinais de mudança, ao afirmar que “trabalhar no estrangeiro deveria tornar-se uma opção e não uma necessidade” (Kaur 2016). Contudo, esta abordagem da migração seria oposta à governação de todos os Presidentes eleitos anteriormente, e as grandes remessas dos migrantes que continuam a representar um enorme apoio à economia nacional, poderão impedir tais mudanças (Kaur 2016).

Em Macau, os migrantes filipinos procuram ter uma voz mais ativa de forma a poder elevar o seu poder negocial, quer com as entidades da Região como com o seu governo através de diversas associações, como por exemplo a *Migrante Macau* (Carvalho 2016). Em entrevista, a Cônsul das Filipinas em Macau admitiu ter conhecimento de situações de exploração e de abusos, mas são as associações filipinas e indonésias que colaboram no sentido de criar grupos de pressão que façam valer os seus direitos.

Em Macau, a associação *Migrante Macau* conseguiu a abertura do Consulado aos domingos, por se tratar do dia de folga para muitos filipinos, sendo a oportunidade de tratarem de assuntos importantes com as entidades oficiais das Filipinas. Pude inclusivamente verificar que é um dia de grande azáfama no consulado. A associação *Macau Migrante* tem exercido pressão também para a eliminação do certificado de emprego para trabalhadores

ultramarinos, que consideram uma burocracia excessiva, e a criação de um abrigo ou refúgio em Macau para trabalhadores filipinos com dificuldades, o que normalmente ocorre no final dos contratos, deixando-os em situação ilegal até conseguirem voltar às Filipinas. Além disso, também procuram obter melhores condições de trabalho (salário, horários de trabalho, etc.), com vista, pelo menos, a igualar as condições em Hong Kong, onde existe uma das agências governamentais filipinas, o que permite melhor informação e aconselhamento (Carvalho 2016).

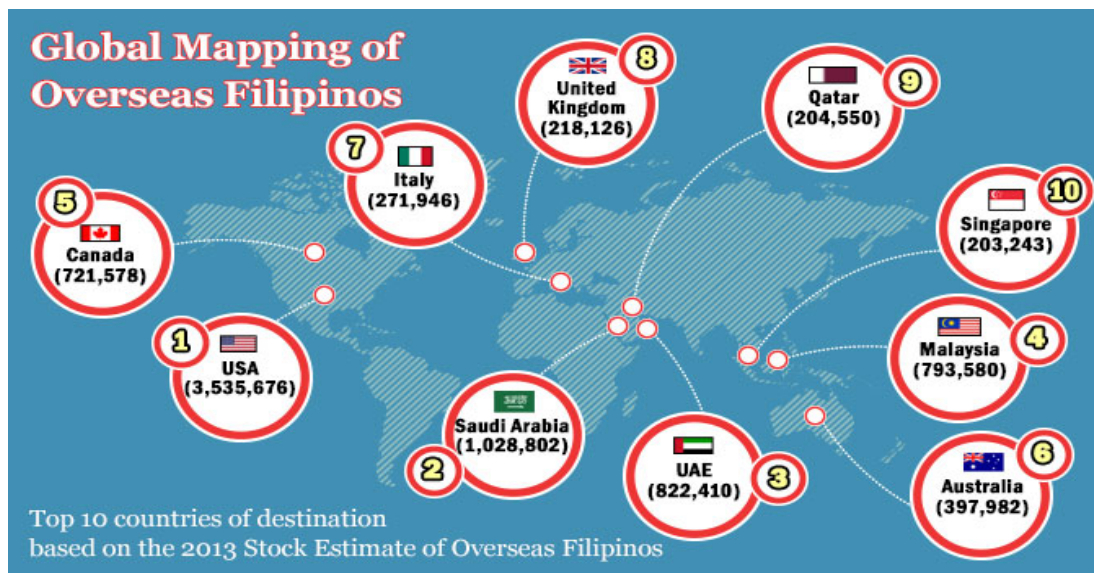
Em síntese, o Estado Filipino teve e tem um papel fundamental na migração a partir das Filipinas, e no estabelecimento de relações entre os migrantes espalhados pelo globo e as comunidades de origem. Ainda assim, o Estado Filipino tardou em assumir a vocação migratória do seu país e a dar apoio aos seus migrantes. Apesar das políticas públicas dirigidas aos migrantes e à migração, permanecem falhas e vulnerabilidades que várias ONG tem procurado expor, reivindicando mais apoio e melhores condições de vida e trabalho aos migrantes.

## 1.2 Os filipinos no mundo

A OIM (2016) destaca as Filipinas como um país exportador de mão-de-obra referindo que as remessas dos migrantes, em 2009, contabilizaram 12,2% do PIB. Em 2013, a *Commission on Filipinos Overseas* (2013), publicou que os migrantes internacionais filipinos, com diferentes estatutos – permanentes, temporários e irregulares – totalizavam 10 238 614 pessoas, sendo que no Sudeste Asiático se encontravam 1 668 827, e destes 17 922 em Macau (1 930 permanentes, 14 057 temporários e 1 935 irregulares). Na Europa contabilizavam-se 866 187 filipinos, destes 2 651 em Portugal (661 permanentes, 1 600 temporários e 390 irregulares).

Sendo um caso-tipo de transnacionalismo (Basch, Schiller e Blanc 1994), os Filipinos encontram-se espalhados pelos cinco continentes, sendo os EUA o destino mais importante, seguindo-se a Arábia Saudita, os Emiratos Árabes Unidos, a Malásia, Canadá, Austrália, Itália, Reino Unido, e por fim o Qatar e Singapura (CFO, 2013).

Figura 2: Top 10 – Países de destino para os Filipinos



Fonte: (CFO 2013)

## Capítulo 2 - Famílias transnacionais em Macau e Portugal

Os filipinos em Macau apontam essencialmente como motivação para a migração a necessidade de *ajudar a família*, como poderei demonstrar nos discursos à frente. Na RAEM os salários são mais elevados e a segurança na cidade são também aspetos apontados como importantes. A proximidade às Filipinas e a política de “visa free” são também aspetos valorizados. Contudo, a RAEM apresenta também algumas dificuldades para os migrantes filipinos, nomeadamente o reagrupamento familiar e o alojamento. Contudo, demonstram uma grande resiliência e justificam a sua permanência no exterior porque, apesar de tudo, as condições de vida são muito melhores do que nas Filipinas.

Em Portugal as motivações apontadas pelos meus entrevistados são idênticas – os salários e a segurança – sendo que os meus interlocutores sublinham que em Portugal as condições para reagrupamento familiar são melhores.

### 2.1. Macau: território de destino e passagem para Filipinos<sup>4</sup>

Situada na R.P. da China, Macau é uma região com uma história singular produto da passagem e fixação de populações humanas oriundas de diferentes e distantes locais ao longo dos últimos séculos. Macau é na verdade uma sociedade de imigrantes, que como sublinha Piteira (1999) é parte da tradição e da herança histórica do território, ligadas à pluralidade social e étnica (Piteira, 1999: 150-162).

Em 1555, antes dos Portugueses chegarem a Macau, o território tinha 400 habitantes (IAS 2004). Em 1562, já depois da chegada dos portugueses, registavam-se cerca de 800 habitantes (200-300 chineses e 500-600 portugueses), número que aumentou consecutivamente até 1640, quando o território atingiu as 40 000 pessoas. Esta situação foi potenciada pelo dinamismo de Macau como cidade portuária. A estagnação da atividade económica em meados do século XVII conduziu também a uma diminuição do número de

---

<sup>4</sup> Esta secção é uma versão posterior de um artigo publicado na Antologia sobre a Ásia Contemporânea (Cruz, 2018)



imigrantes. Em 1700 o número de habitantes em Macau desceu para 4 900 (4 000 chineses e 900 portugueses).

Desde 1886 até ao presente, foram realizados censos de dez em dez anos. Entre 1866 e 1920, a população de Macau oscilou sempre entre 70 000 e 80 000 pessoas. Só a partir de 1910 existem registos estatísticos da população pelas categorias: Chineses, Portugueses e outros estrangeiros. A partir da de 1920 verificam-se grandes alterações, especialmente na população com nacionalidade chinesa, devido à instabilidade política no interior da China e regiões vizinhas (conflito entre forças nacionalistas e comunistas). Em 1940, a Guerra do Pacífico (Segunda Guerra Mundial) e a ocupação japonesa (também de Hong Kong), levou a um grande aumento da população no território durante o conflito (IAS 2004).

A partir de 1950, a população de Macau continuou a evoluir, por um lado devido ao desenvolvimento da economia de Macau, por outro devido às fomes e à Revolução Cultural no interior da China, e campanhas contra os chineses em países do Sudeste Asiático. Em 1981, o território teria 295.300 habitantes, dos quais 50.521 seriam ilegais (IAS 2004).

Entre 1991 e 2001, em vésperas da entrega da soberania de Macau à China marcada para 1999, verificou-se um novo aumento populacional. Na altura muitos habitantes chineses de Macau optaram pela nacionalidade Portuguesa, o que levou ao registo de 101.245 cidadãos portugueses em 1991. Contudo, de acordo com o IAS (2004), o Governo da China não reconheceu estes habitantes de naturalidade chinesa, com nacionalidade portuguesa, pelo que depois do *handover* foi definido que “Todos os residentes da RAEM, com consanguinidade chinesa e portuguesa, podem optar de acordo com a sua vontade pela nacionalidade da RPC ou pela nacionalidade da RP. A opção por uma destas nacionalidades significa a perda da outra” (IAS 2004). O governo da RAEM executou esta disposição e retificou os dados de forma a possibilitar a comparação entre os dois grupos. Verificou-se assim que a população de nacionalidade portuguesa passou de 101.245 para 11.695 pessoas e a população de outras nacionalidades estrangeiras de 13.952 pessoas para 8.035 pessoas (IAS 2004).

De acordo com os dados do último censo de 2011 da DSEC, Macau apresenta uma componente demográfica proveniente da migração: 46,2% das pessoas são de nacionalidade chinesa, 40,9% nasceram em Macau, 3,5% em Hong Kong e 0,3% em Portugal e 9% de outras

nacionalidades. Registou-se também um aumento das pessoas nascidas noutros países ou territórios com o aumento do número de trabalhadores não-residentes. Aqui destacaram-se os migrantes das seguintes nacionalidades:

***Tabela 1: Trabalhadores não residentes em Macau por nacionalidades mais representativas***

Nacionalidade	Nº Habitantes
Filipinas	14.544
Vietname	7.199
Indonésia	6.269

Fonte: Censos/2011 da DSEC de Macau

Os migrantes provenientes de Filipinas, Vietname e Indonésia representam 5,1% da população total, mas deve-se atender ao fato de a maioria da população de nacionalidade chinesa ser proveniente da China Continental (Piteira 1999, 153), logo também migrante.

O aumento do fenómeno migratório na RAEM está ligado ao desenvolvimento económico da RPC, e ao desenvolvimento das atividades económicas, especialmente da hotelaria e do jogo depois de 1999, o que foi acompanhado por uma maior tolerância em relação à migração para Macau. Estes fluxos migrantes são essencialmente de trabalhadores que fornecem mão-de-obra ao desenvolvimento económico de Macau. A maioria dos migrantes, tanto das Filipinas como de outros países asiáticos, vive em Macau há menos de 5 anos (DSEC 2011).

Relativamente à situação de Macau como sociedade de acolhimento de migrantes, Alex Choi, investigador na Universidade de Macau, em entrevista ao *Macau Daily Times* (2011), refere que nos últimos anos não se verificaram alterações significativas na forma como o Governo aborda as questões dos trabalhadores migrantes, sendo considerados suplementares ainda que constituam “uma enorme parte da população ativa” (2011).<sup>5</sup> A condição legal destes migrantes, i.e., o seu estatuto de não residentes, estabelece uma clivagem entre residentes e não residentes, o que gera desigualdade nas condições de acesso a medidas sociais, como por exemplo o acesso ao sistema de segurança social.

<sup>5</sup> Na literatura não foi possível encontrar referências a este assunto em particular, com exceção feita a estudos jurídicos e económicos.

De acordo com os dados oficiais disponíveis através do Governo da RAEM - Direção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC), no final do ano de 2015, Macau apresentava uma população de 646 800 pessoas, sendo a população ativa constituída por 403 800 pessoas. A taxa de desemprego global é de 1,8%, muito baixa, portanto. A população empregada distribui-se maioritariamente pelos seguintes ramos de atividade: atividades culturais e recreativas, lotarias e outros serviços (23,8%); outros jogos de apostas e atividade de promoção de jogos (21,1%); hotéis restaurantes e similares (13,9%); construção (13,8%). Em termos de estatuto da população empregada, verifica-se que o número de trabalhadores não residentes (em 2015) é maioritariamente proveniente da China Continental (116 383), seguindo-se os nacionais das Filipinas (24 728), os cidadãos do Vietname (14 727), de Hong Kong (8 992) e da Indonésia (4 200). Estes migrantes distribuem-se por vários sectores de atividade, sendo os mais relevantes o setor da construção, que emprega 43 480 pessoas, o dos hotéis, restaurantes e similares 48 099 pessoas, e em terceiro lugar o trabalho doméstico com 23 723 trabalhadores não-residentes. Os dados não indicam as nacionalidades dos trabalhadores não residentes por sector de atividade. Contudo os dados recolhidos durante o trabalho de campo apontam para que, no caso dos nacionais das Filipinas, trabalhem maioritariamente no serviço doméstico, seguindo-se o sector hoteleiro e os casinos.

### 2.1.1 Viver, trabalhar e não residir?

De modo a compreender a condição de migrante em Macau, é fundamental entender a sua dimensão jurídica. De acordo com Un (2011) “o sistema jurídico de Macau estrutura-se com base na residência e não na nacionalidade”. É na Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau que se define o que são residentes não permanentes na RAEM “aqueles que, de acordo com as leis da Região, tenham direito à titularidade do bilhete de identidade de residentes de Macau, mas não tenham direito à residência.” (art.º 24º da Lei Básica). Como refere Un (2011), esta designação parece apontar para um contrassenso: o conceito de residência associa-se normalmente ao de domicílio, ou seja, o local onde se vive, onde tem a sua habitação e desenvolve a atividade profissional, porém “em Macau, a noção de

residência vai muito além dos limites jus-civilísticos (...) assumindo aqui contornos muito próximos da cidadania (...).” (Un, 288).

Un chama “*ficção jurídica*” a esta categoria de cidadãos que “*permanecem em Macau*”, como trabalhadores, mas não se considera que nele residam. Para Un tal artifício deve-se ao desenvolvimento urbano e demográfico, e à crescente imigração de alguns países do sudeste asiático, o que terá levado as autoridades a limitar o acesso dos migrantes ao direito de residência, como forma de controlo da imigração. Esta situação contrasta fortemente com o quadro legal anterior, durante a administração portuguesa, que era mais facilitador das relações laborais e de residência.

Esta diferença de estatuto tornou-se muito evidente nos dados recolhidos durante o terreno, pois os meus interlocutores, que vivem em Macau desde os tempos da administração portuguesa, detêm o estatuto de residentes permanentes, algo que se tornou mais difícil de obter desde o início dos anos 2000. O sistema de vistos em Macau é realmente muito distinto, sendo que as pessoas com quem falei em Macau no Consulado pensam que esta situação a médio e longo prazo não será sustentável, ou seja, os trabalhadores não residentes acabam por deter um estatuto muito pouco valorizado, apesar da sua importância para o desenvolvimento económico de Macau. O seu visto está dependente diretamente do empregador, e caso este termine o contrato por qualquer motivo, o migrante é obrigado legalmente a sair do país. Se ultrapassar as 48 horas têm de pagar uma multa diária. (...) a maioria não tem direito a reagrupamento familiar, nem perspectivas de conseguirem o estatuto de residente.

## 2.2 Estratégias e percursos de mobilidade de Filipinos em Macau

Do trabalho de campo efetuado em Macau em outubro de 2017, tive oportunidade de conhecer alguns membros da comunidade filipina a residir na RAEM, com estatutos e situações diferentes, mas que têm em comum a sua ligação às Filipinas e a Portugal, tendo estas ligações características diferentes, como poderemos perceber ao longo deste trabalho. De seguida apresentarei os percursos de algumas destas pessoas.

### 2.2.1 Residentes: o fluxo anterior a 1999

#### *Maria, uma filipina portuguesa*

Maria, 58 anos, é natural da região de Quezon nas Filipinas, mas tem também nacionalidade Portuguesa desde 1989 por via do casamento. É residente portuguesa em Macau, onde vive há 33 anos. Estudou engenharia química nas Filipinas, e foi também aí que conheceu o marido, português. Tem dois filhos, um com 36 anos e outro com 31. Já visitou Portugal várias vezes, onde tem a sua cunhada a residir na zona do Cacém. Fala razoavelmente português. De 1987 a 1991, foi professora de inglês num colégio de freiras, depois trabalhou 25 anos numa companhia pública em Macau como analista química, onde tinha um bom salário, e de onde saiu em setembro de 2016. Desde então trabalha num escritório de apoio a um deputado da Assembleia da RAEM, onde tem como função mobilizar a comunidade de residentes filipinos para as questões políticas. Maria tem vários familiares a viver em Macau, um irmão está no Japão, e os restantes familiares estão nas Filipinas. Mantém contactos diários com as Filipinas e, visita o país várias vezes por ano, não só para ver os familiares, como também devido aos negócios que lá mantém. Comprou e explora uma quinta de cocos e mangas, que é gerida pela sua irmã.

#### *Angélica uma residente de há 30 anos*

Angélica tem um estatuto privilegiado relativamente a muitos outros compatriotas filipinos, é residente permanente em Macau. Natural da região de Cavite, província das Filipinas localizada ao sul da baía de Manila. É a mais velha de oito irmãos. Em 1982 tinha uma tia que veio para Macau, e trabalhava entre Macau e Hong Kong. Em 1987 veio a Macau com a avó visitar a tia. Entretanto, a avó voltou para as Filipinas e ela ficou para trabalhar. Viveu com a tia durante 2 anos. Trabalhou com uma família portuguesa, que, entretanto, voltou para Portugal, e depois disso esteve um ano a trabalhar num hotel onde conheceu o marido. Casaram e tem três filhos, um rapaz com 22 anos, uma rapariga com 21, ambos estudam na universidade nas Filipinas. De acordo com Angélica “lá as propinas são muito mais baratas e

tem mais oferta educativa do que Macau”. O filho estuda engenharia informática e a filha estuda gestão e contabilidade. O filho mais novo é um rapaz com 17 anos e estuda em Macau. Todos nasceram em Macau. Em 1991 Angelica começou a trabalhar numa Fundação onde permanece até hoje. Vai às Filipinas três vezes por ano: na altura do Ano Novo Chinês, durante o mês de agosto, e em dezembro no Natal e mantém contactos diários com as filipinas.

Nas Filipinas permanecem a mãe e o irmão mais novo, os outros quatro irmãos estão também em Macau a trabalhar. Porém, estes seus irmãos que se encontram a trabalhar em Macau são trabalhadores não residentes.

#### *Mary: as dificuldades de uma mãe migrante*

Mary é residente permanente em Macau. Tem 61 anos, e é viúva há muitos anos. Criou os quatro filhos praticamente sozinha, e diz ter passado por muitas dificuldades e ter tido imensos trabalhos para fazer face às despesas e educação dos filhos nas Filipinas. Durante cerca de 20 anos os filhos iam e vinham, entre Macau e as Filipinas, por certos períodos. Atualmente trabalha ainda no aeroporto. Dois dos seus filhos também migraram, Justine veio para Macau, onde ainda se encontra, o outro filho trabalha em Singapura. Os outros dois estão nas filipinas. Tem 12 netos e continuam a apoiar-se mutuamente. Uma das maiores dificuldades que diz ter sentido foi o acesso ao alojamento, algumas vezes precisou da ajuda de amigos para partilhar alojamento e, por vezes, recebeu ficar sem sítio para viver.

#### 2.2.2 Trabalhadoras não-residentes

##### *A coragem de Joyce*

Joyce tem 28 anos e é originária da região de Caraga, em Mindanao. Os pais e os seus sete irmãos vivem nas Filipinas. Ela é a mais velha e, até ao momento, a única a sair para o estrangeiro para trabalhar. Nas Filipinas concluiu o curso de enfermagem, trabalhou num hospital, mas não gostava da profissão “não conseguia lidar bem com a doença e com as

mortes, além de que os salários são muito baixos nas Filipinas” (menos de 200 euros mensais).

Em 2015, a tia comprou-lhe a viagem de ida e volta para Macau, onde ficou como turista por 30 dias. Alguns amigos sugeriram-lhe que ficasse em Macau a trabalhar, e Joyce acabou por ficar tendo deixado caducar o bilhete de volta para as Filipinas. Como ainda não tinha contrato de trabalho assinado ficou quase um mês ilegal, o que acarreta o pagamento de multas por cada dia de “ilegalidade” (500 MOP dia, o equivalente a cerca de 50 euros). Entretanto encontrou trabalho num salão de cabeleireiro chinês na Taipa, e para registar o contrato de trabalho e obter o visto, o patrão pagou a multa. Neste momento, vive num apartamento arrendado pelo patrão, onde divide o quarto (com beliches) com mais quatro colegas de trabalho. Trabalha diariamente até às 21h00 ou até mais tarde, com um dia de folga variável por semana. Nesses dias fica em casa a descansar e usa as redes sociais, os amigos normalmente estão a trabalhar, nem sempre as folgas são coincidentes. Não tem família em Macau e no seu tempo livre frequenta a igreja protestante, e também um grupo de dança e música. Fala cantonês, que aprendeu em apenas três meses, com algumas lições com os colegas de trabalho e a ver televisão.

Joyce tem um namorado macaense e afirma que se “este relacionamento se tornar mais sério eventualmente ficará em Macau, mas gostaria também de conhecer Portugal”. O seu projeto de médio prazo era ficar em Macau mais algum tempo, para conseguir economizar, e depois ir para a Austrália trabalhar como ajudante familiar, gostaria de trabalhar com pessoas idosas. Desde que chegou a Macau, em 2015, só foi uma vez às Filipinas, neste final de ano de 2017 tenciona ir novamente, mas só por três semanas. Em Macau o período de férias que têm por um ano de trabalho é de apenas duas semanas.

Apesar das poucas visitas, Joyce tem enviado dinheiro para construir a sua casa na praia, “em cimento, não em madeira”, devido às tempestades é mais seguro, e também já ajudou os pais na recuperação da sua própria casa. Também envia dinheiro para ajudar os irmãos que estão a estudar. Diz que “muitas vezes tem saudades deles e chora. Os contactos com as filipinas por telefone são muito caros. Utiliza a internet, mas nem sempre os familiares têm acesso à internet em casa, pois a rede é muito fraca”.

### *Jonalyn e os amigos de Portugal em Macau*

*Jonalyn*, veio para Macau em 2006, onde a mãe já estava a trabalhar como empregada doméstica não residente. Essa viagem ocorreu depois de ter terminado o curso de tecnologias de informação nas Filipinas. A mãe comprou-lhe a viagem para vir “conhecer Macau”. Viajou como turista devido ao sistema de *visa free* e ficou o período permitido. Entre 2007-2009 trabalhou em vários empregos na *Macau Tower* como empregada de mesa, mas em 2009, com a crise internacional, muitos contratos terminaram e *Jonalyn* teve que regressar às Filipinas onde esteve até 2013. Durante esse período trabalhou em várias áreas em *call centres* em regime de *outsourcing*.

Em 2013 conseguiu um contrato de trabalho através de uma associação local para tomar conta da zona de restauração. Entretanto casou. O marido também filipino trabalha na mesma instituição como cozinheiro. É ele que confeciona as refeições portuguesas. Têm uma filha com dois anos de idade e estão à espera do segundo filho. A filha está com eles em Macau, já conseguiram associá-la aos seus vistos, mas para já os vistos são válidos por apenas dois anos. Como trabalhadores não residentes, não têm apoio financeiro no acesso a cuidados de saúde. Segundo *Jonalyn* têm que pagar tudo a 100%, mas afirma que “o tratamento é bom”.

*Jonalyn* tem um irmão nas Filipinas com quem mantém contacto via *Facebook*, e também por vezes via telefone. Também ajudava financeiramente a avó que os criou que, entretanto, faleceu. Em Macau frequenta a igreja Batista que considera ser um “forte apoio para a comunidade”.

*Jonalyn* afirma gostar muito de trabalhar na associação “são como família”, e até porque os restantes empregados são efetivamente da sua família. Aí trabalham uma amiga também filipina que considera como da sua família, para além do esposo, trabalha ainda o primo do marido em primeiro grau. Em Macau está ainda a irmã do marido que trabalha numa Escola da mesma instituição.

Uma das grandes preocupações é o alojamento, que afirma estar muito caro, e ser difícil conseguir uma casa só para a sua família. Por esse motivo, são obrigados a dividir uma casa



com mais duas famílias (T3, um quarto para cada família) e duas casas de banho. Apesar de tudo considera Macau um local seguro, comparativamente às Filipinas.

### *Justine, luta e ambição*

*Justine* também ela detentora do estatuto de trabalhadora não residente, tem 41 anos, é casada e tem quatro filhos. Os filhos estão todos nas Filipinas e deslocam-se a Macau por períodos de 50 dias para estar com os pais (30+20 dias). Diz que, “apesar da distância, são muito presentes”.

Em Macau trabalha como Auxiliar de Enfermagem e acumula com outras atividades *online* para fazer face às despesas, pois “com quatro filhos é difícil”. Nas Filipinas, os filhos estão entregues aos cuidados de amigos que são “como família”, mas mantém contacto diário com eles pela internet, de tal forma que “até para acompanhar nos trabalhos de casa”. Neste momento, *Justine* e o marido ainda não conseguiram associar os filhos ao visto. Está envolvida na igreja e nas suas atividades através da *Family and Life Comission - Pastoral Centre for Migrants*.

### 2.2.3 Residentes e não residentes o mesmo local, realidades diferentes

O estatuto jurídico dos migrantes em Macau, e as suas alterações no tempo, contribuem para a existência de uma grande diferença entre os trabalhadores chegados antes e depois de 1999. Apesar destes migrantes filipinos viverem no mesmo território, apresentam realidades distintas a vários níveis, que se projetam sobretudo a partir da diferença de estatuto jurídico: quem detêm o estatuto de trabalhador residente apresenta uma maior estabilidade financeira e familiar, ao contrário dos trabalhadores não residentes que enfrentam maiores dificuldades, a nível laboral, financeiro e familiar.

A Lei de contratação de trabalhadores<sup>6</sup> determina que os trabalhadores não residentes sejam classificados em três categorias: trabalhadores não residentes especializados, que devem ter formação superior ou aptidão técnica ou experiência profissional altamente qualificada para o exercício de funções com elevado grau de especialização; os trabalhadores não residentes não especializados; e ainda os trabalhadores não residentes domésticos. Segundo o relatório da DSAL (2016, 4) até dezembro de 2016 os titulares de título de identificação de trabalhador não residente (cartão azul ou *blue card* como correntemente são designados) totalizavam 177 638 pessoas, sendo 14,1% empregados domésticos, 3,4% especializados e 82,5% não especializados. Como verificámos por exemplo no caso de Jonalyn, mesmo os migrantes filipinos com qualificação superior optam por aceitar propostas de emprego não qualificadas ou não especializadas, usufruindo assim do que podemos chamar da estrutura de oportunidades (Tarrow 1994) existente em Macau de forma a conseguir atingir o objetivo de proporcionar melhores condições para a sua família, apesar de enfrentar grandes incertezas relativamente à renovação do visto e da possibilidade de continuar na RAEM.

Parece ainda relevante destacar a posição atual do governo face aos trabalhadores não residentes, trata-se de regular a contratação de trabalhadores não residentes para o território, de modo a proteger os direitos de emprego dos residentes locais, servindo aqueles só para suprir a insuficiência de recursos humanos locais (RAEM 2015). Este relatório sugere limitar o acesso a determinadas funções, como por exemplo *dealer* (croupier de casino) ou cargos de nível alto e intermédio, e menciona ainda que deve ser reforçado o mecanismo de saída de trabalhadores não residentes, de forma a evitar o trabalho e permanência de migrantes ilegais no território. Constatase assim que, será difícil para os trabalhadores não residentes verem concretizadas aspirações de alteração do seu estatuto na RAEM. Contudo existem esforços com vista à valorização da sua experiência, como a situação de Loreto Mijares, primeiro trabalhador não residente a receber um título do Governo, e que ficou conhecido como o “*herói filipino*” por ter salvo a vida a três residentes durante a passagem do furacão *Hato* em agosto de 2017. Além do reconhecimento das autoridades, este migrante viu ainda aceite o seu pedido de visto para a filha, situação muito excecional pois, em regra, só os trabalhadores não residentes

---

<sup>6</sup> Lei nº 21/2009: Lei da contratação de trabalhadores não residentes

especializados podem requerer o direito à reunião familiar (Lam 2018). Esta situação foi particularmente evidente nos meus interlocutores com estatuto de não residentes em Macau, pois as crianças, mesmo que nascidas em Macau, só se os pais tiverem determinadas profissões conseguem ser associadas aos vistos. As empregadas domésticas, por exemplo, não podem. Contudo apesar destas diferenciações, Macau precisa destes migrantes devido ao seu desenvolvimento económico (Hewison 2006) e Choi (2006).

#### 2.2.4 Macau e Hong Kong: percursos paralelos no tratamento de migrantes?

Os estudos sobre migrantes no território da RAEM são relativamente escassos, ao contrário dos existentes para a região de Hong Kong ou outros locais no mundo. Hong Kong é um caso particularmente interessante para pensar Macau porque tem muitas semelhanças históricas e também jurídicas. Há diversos estudos sobre a comunidade migrante filipina em Hong Kong, especialmente sobre mulheres migrantes e o trabalho doméstico, como por exemplo Francisco & Rodriguez (2014), onde é feita uma comparação da vida das empregadas domésticas filipinas em Hong Kong e Nova Iorque.

Em Macau, tive oportunidade de observar as migrantes filipinas, especialmente aos fins de semana (domingo, dia de folga) em que ocupam os espaços públicos (parques, jardins) embora a uma escala menor que em Hong Kong, mas semelhante à descrição de Francisco e Rodriguez (2014) para Hong Kong. É nestes espaços públicos que convivem e socializam: apreciam a comida filipina, leem jornais filipinos e consomem produtos filipinos provenientes de várias lojas de especialidades filipinas. Em Macau, é principalmente no Largo do Senado onde os encontros desta comunidade são mais visíveis, como refere Law (2001), os sentidos podem desempenhar um papel importante na mediação dos espaços nestas cidades multiculturais, locais onde encontram o seu lar distante.

**Foto 1:** *Filipinos no Largo do Senado Macau*



Fonte: Helena Cruz (2017)

Em Macau, como em Hong Kong as instituições religiosas são responsáveis por providenciar suporte e apoio aos milhares de migrantes que ali residem. Como verifiquei todos os meus entrevistados consideram que a igreja tem um papel fundamental na sua vida, o que confirma a importância da religião e do ativismo migrante evidenciado por Constable (2010). A questão da mobilização e do ativismo para a defesa dos seus direitos que em Macau se reflete em organizações como a *Macau Migrante*, que está ligada à “*Migrante International*” incluindo-se nesta a rede transnacional. Se considerarmos que nos discursos dos meus entrevistados está de alguma forma sempre presente o sacrifício e a dificuldade da separação física, as emoções, as trocas económicas vêm confirmar a análise de McKay (2007) e de (R. S. Parreñas 2002) relacionadas com o esforço das migrantes filipinas para manter o nível de vida e providenciarem aos seus filhos uma boa educação e cuidados de saúde

Contudo apesar dos inúmeros estudos sobre migração filipina em Hong Kong o mesmo não acontece relativamente à RAEM, mas os dados recolhidos junto dos meus interlocutores filipinos em Macau, apontam algumas semelhanças, como constatei, com os resultados de

trabalhos sobre filipinos em Hong Kong. O pouco interesse da academia por Macau até agora, pode estar relacionado com o facto de o número de migrantes filipinos em Macau ser bastante inferior, ao de Hong Kong.

A minha observação e contacto com os migrantes filipinos em Macau permitiu identificar algumas destas tendências temáticas, nomeadamente a importância e o papel da família (próxima e alargada) em todo o processo migratório quer por serem os facilitadores do processo, quer na motivação para a migração; a preocupação em dar aos seus filhos, irmãos, sobrinhos, as melhores condições para obterem uma boa educação. Esta é uma prioridade absoluta para as famílias com filhos em idade escolar, estejam eles em Macau ou nas Filipinas. As condições de vida e de trabalho no estrangeiro apresentam-se mais ou menos satisfatórias dependendo do estatuto que detêm, nomeadamente o de residente ou não residente; as estratégias para ultrapassar as dificuldades que enfrentam destacando-se as questões do apoio dentro da comunidade seja através da religião ou de ONG's, o envio e a importância das remessas para as filipinas para apoio à família e também no investimento económico nas filipinas, o apoio da comunidade e o papel da religião na integração na sociedade de acolhimento e também na vivência do quotidiano, por fim a forte resiliência que nestes casos podemos identificar como fator comum a estes migrantes, que foram referidos nas entrevistas com membros das ordens religiosas e pelas entidades oficiais como o Consulado em Macau.

### 2.3 De Macau a Portugal: Filipinos na região de Lisboa

De acordo com o Padre Jovito, padre filipino que celebra missa para a comunidade em Lisboa, atualmente existem cerca de 2 000 filipinos, mas o número já terá sido maior. A maior parte dos membros da comunidade veio de Macau, com as famílias portuguesas para as quais trabalhavam no ano 2000, a seguir ao *handover*. Este número é corroborado pela Embaixada das Filipinas em Portugal, que considera que a saída de Portugal é explicada pelos baixos salários portugueses no contexto europeu, tornando-se mais atrativo rumar a outros países onde se possa auferir mais dinheiro. À medida que foram conseguindo o visto de residência permanente e/ou a nacionalidade em Portugal, estes migrantes optaram por

migrar novamente para outros países como Reino Unido, Suíça, França, onde os salários são mais elevados.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2016), em 2016 estavam registados 750 Filipinos em Portugal (224 homens e 526 mulheres), com maior concentração em Lisboa 503 Filipinos (164 homens e 339 mulheres).

### 2.3.1 Percursos filipinos em Portugal

Entre os filipinos em Portugal destacam-se dois tipos de percursos: os percursos que chegam a Portugal via Macau, e os que vêm através do reagrupamento familiar ou de redes familiares ou de amizade mais amplas, a partir da presença de familiares ou amigos em Portugal. Em Portugal, os filipinos encontram trabalho em diferentes áreas profissionais como a hotelaria, o serviço doméstico, em projetos de empreendedorismo, entre outros. No terreno detetei uma outra tendência que não tinha detetado através da literatura, e que é o casamento de mulheres filipinas com homens portugueses. Uma das minhas interlocutoras, a Leya, dizia que a migração para Portugal “se concretiza através dos contactos com amigos e familiares, como seja através do estabelecimento de encontros na Internet, que muitas vezes acabam por terminar em casamento, nomeadamente com portugueses”. Casar para migrar é comum a outros grupos migrantes, caso detetado também por Treto (2012) entre as mexicanas que migram para Portugal.

No terreno, a partir dos relatos que ouvi de migrantes filipinos na primeira pessoa, e sobre outros migrantes filipinos, a migração filipina foi-me descrita como sendo maioritariamente feminina, tendo como principal motivação as difíceis condições económicas nas Filipinas. A grande maioria dos percursos migratórios inicia-se através de contatos na sua rede de familiares e amigos, sendo o foco a ajuda à família, não se tratando de um projeto isolado ou individual de migração.

*Ann, fuga para um novo caminho*

Ann nasceu nos anos de 1950 na região central da ilha de Luzon, situada entre o Mar do Sul da China e as Montanhas Zambales, mas viveu em Manila. O pai era chinês e a mãe filipina, ao todo são quatro irmãos. Uma das suas irmãs vive nos EUA, o irmão, solteiro, vive nas Filipinas, bem como a outra irmã. Esta última tem cinco filhos, sendo que um destes está nos EUA e outro em Portugal. Foi precisamente Ann quem tratou do processo para que viesse para Portugal. Depois de Ann estar tantos anos ausente fisicamente, apesar dos contactos frequentes por telefone e correspondência, é que percebeu que ele era “uma pessoa diferente do que esperava”.

Apesar de nunca ter regressado ao seu país de origem, por opção, tem ajudado sempre os seus familiares. Tem algumas casas em Manila que são fonte de algum rendimento lá, mas não suficiente. O irmão “nunca quis estudar”, e a irmã com cinco filhos teve dificuldades após a separação do marido. Não fala há já alguns anos com a irmã por algumas divergências familiares, contudo mantém o contacto quase diário com os seus sobrinhos, alguns até já vieram visitá-la a Portugal e foi com eles que fez algumas viagens pela Europa. Quanto à irmã que está nos EUA desde a adolescência que sempre tiveram um relacionamento mais distante.

Apesar do seu distanciamento físico das Filipinas, Ann mantém todos estes contactos e relações à distância, tem até assinatura de canais TV filipinos para acompanhar os acontecimentos no seu país. Refere que “fico muito contente quando ouço, nalguns programas, pessoas de outros países falarem bem dos meus concidadãos filipinos espalhados pelo mundo”.

Apesar de ter completado o curso de Engenharia, Ann nunca chegou a exercer esta profissão, casou nas Filipinas onde viveu 13 anos com o marido. Tinham vários negócios por conta própria, como peças para automóveis e outros “tínhamos uma boa vida” relembra. Antes disso, ajudava os pais num supermercado. Contudo, por problemas conjugais separaram-se o que foi muito traumatizante.

Foi após esta separação que Ann decidiu “iniciar um novo rumo”, e acrescenta que “Deus indica-nos o caminho, mesmo sem nos apercebermos”. Em 1994 emigrou para Hong Kong, onde tinha umas amigas com quem ficou, mas devido à dificuldade em obter visto de

residência optou por ir para Macau, fazendo uso da sua rede de amizades. Em Macau ficou em casa de uma amiga até conseguir emprego. Tomava conta de crianças e fazia serviços de limpeza. Também trabalhou num hotel. Mais tarde uma amiga arranhou-lhe um emprego em part-time num empregador português. Após algum tempo a trabalhar acabaram por se envolver e viveram juntos durante cerca de três anos ainda em Macau. Em 1998 vieram para Portugal e ficou a viver nos arredores de Lisboa, onde vivia com o companheiro. Aí ficou durante cerca de dois anos. Como já falava português conseguiu obter o visto de residência facilmente. Após este período de tempo, Ann separou-se e foi viver sozinha para outra zona, onde ainda hoje vive e trabalha numa grande empresa de restauração. Vive num apartamento seu, mas partilha com algumas amigas filipinas (nove pessoas, no total), cujas rendas a ajudam a suportar as despesas e poupar algum dinheiro, sendo uma forma de entreaajuda.

Em Portugal gosta do “sentimento de segurança, da comida e do clima”. A segurança, é sobretudo o que mais compara positivamente em relação às Filipinas. Nunca regressou às Filipinas, apesar de já ter viajado muito desde que de lá saiu, e não pensa voltar. Ainda se emociona a falar destas recordações.

Em Portugal, Ann desempenha um papel muito ativo junto da comunidade filipina. Pertence à associação filipino portuguesa, onde ajuda os seus membros normalmente com traduções e a tratar de burocracias com o SEF e a saúde. Também a religião tem estado sempre presente na sua vida, considera que é um “fator de integração muito importante, na medida em que Portugal é também um país católico como as Filipinas”. Aos domingos vai sempre à missa, a missa dependendo do local é em inglês ou em tagalog. Através da associação acabam por organizar muitas atividades extra, não só nas festas religiosas, mas também outras como por exemplo organização de viagens em Portugal e para o estrangeiro.

Na sua perspetiva, a emigração está facilitada nos filipinos pelo fato de o inglês ser aprendido desde a infância. As mulheres têm uma aprendizagem sobre tarefas domésticas em casa, com as suas mães, mas também podem ter formação específica em organismos oficiais. E “são sobretudo as mulheres, devido às dificuldades económicas das famílias nas Filipinas, que acabam por emigrar, para ajudar a família, sejam eles os pais, os filhos, os maridos, os netos e muitas vezes até os bisnetos”. Tendo em conta a sua experiência em



Macau e em Portugal, e na associação, Ann considera que em Portugal a integração acaba por ser mais facilitada devido ao regime legal para os estrangeiros, por relação ao regime de Macau.

### *Jenny, geradora de consensos*

Jenny vive em Portugal há cerca de 8 anos. Veio diretamente das Filipinas para Portugal, casou com um português. A empregada – Raquel, é também filipina e vive com eles desde então, diz que nas Filipinas os pais e os amigos próximos tinham empregada e que não se imaginava noutra situação, apesar de que quando se instalou em Portugal percebeu que não era uma prática comum. Em Manila trabalhava no British Council como “*examiner*”, tendo pedido transferência para a delegação de Lisboa, onde desempenha exatamente as mesmas funções.

Quando veio para Portugal diz ter estado os primeiros seis meses sem ver um filipino, diz que iam aos museus e outros locais públicos e achava estranho, até que conseguiu através de várias pesquisas chegar ao contacto com o Padre. Foi então que percebeu que, naquela altura, “a maior parte das filipinas trabalhavam como empregada doméstica interna e, portanto, não se encontravam com facilidade”. Mais tarde com o apoio do marido, constituíram uma associação de apoio à comunidade. Têm uma página na internet designada *Filipino Portuguese Community*, e mantêm um papel muito ativo, no apoio e auxílio à comunidade filipina em Portugal. Considera que a religião para os filipinos no estrangeiro funciona como agregador da comunidade a um nível global, e ao nível individual dá força para resistirem às várias contrariedades da vida de migrante.

Tem dois filhos, ambos nascidos nas filipinas, mas residem em Portugal desde que os pais mudaram para cá. O filho tem 18 anos, estuda numa escola internacional, e pretende continuar os estudos no estrangeiro. A filha ainda tem 10 anos. Relativamente a esta segunda geração, Jenny acha que “não pretendem voltar para as Filipinas, consideram que o seu país é este onde residem, e não as Filipinas, quer os que já nasceram em Portugal como aqueles que nasceram nas Filipinas e que vieram para Portugal muito jovens”.

Jenny refere também a dualidade vivida e imaginada e publicitada pelos migrantes. Hoje muito mais facilitada e potenciada pelas novas tecnologias e pelas redes sociais, onde “por vezes as pessoas colocam fotos de casas muito bonitas, porém não dizendo que relação têm com essa casa, que é lá que trabalham como empregadas domésticas. Estas situações criam expectativas que depois não conseguem ser concretizadas, o que acaba por inviabilizar o regresso à terra de origem”.

Jenny vai às Filipinas a cada dois anos, pois a sua mãe também gosta de vir a Portugal. O pai está doente e não pode viajar.

#### *Nicole, uma empreendedora filipina em Portugal*

Nicole é oriunda de uma cidade perto de Manila, o pai tem ascendência espanhola e a mãe ascendência chinesa. Tem mais quatro irmãos (três raparigas e um rapaz) duas das irmãs vivem na Austrália há alguns anos, uma é arquiteta e outra engenheira e vivem ambas em Melbourne, esta oportunidade surgiu porque a universidade que frequentavam tinha um acordo com o governo australiano, que naquela data possibilitava o visto a jovens para concluírem os estudos universitários por um período de um ano, e durante esse período aqueles podiam encontrar trabalho, tendo sido o que aconteceu.

Os outros irmãos estão nas Filipinas com os pais, e a irmã mais nova e vem visitá-la no próximo mês a Lisboa, é decoradora de interiores e também pretende emigrar. O irmão não concluiu o curso superior e no próximo mês vai também começar a trabalhar como marinheiro (marinha mercante) e vai embarcar no Brasil.

*Nicole* estudou gestão turística nas Filipinas, depois a convite de uma amiga decidiu ir para Macau trabalhar na indústria hoteleira, onde esteve durante dois anos na receção de um hotel, “apesar de o salário ser bom, não tinha perspetivas de progressão, pois é sempre dada prioridade aos macaenses”. Nessa altura conheceu o atual marido, um cidadão português. Entretanto esteve mais de um ano e meio nas Filipinas, aprendeu português durante um ano e em 2012 veio para Portugal onde vive com o marido. Para si, o mais difícil na adaptação foi o inverno.

Inicialmente, *Nicole* tinha a ideia de começar um negócio de exportação de vinhos portugueses para as Filipinas, contudo deparou-se com problemas de corrupção nas Filipinas, pediam-lhe muito dinheiro. Acabou por desistir e optou pelo inverso – importar produtos das Filipinas para Portugal. Foi assim que iniciou o negócio que tem hoje – importação de carteiras, malas, joias. As importações são feitas com fornecedores que tem nas Filipinas, mas também de uma pequena unidade de produção, onde emprega cinco familiares próximos, sendo assim uma forma de auxiliar a família e de providenciar os produtos para o seu negócio.

Embora seja católica, *Nicole* não frequenta muitas vezes a igreja, ainda assim acha que a “igreja é uma forma de reunir a comunidade”, participando ela em várias atividades.

Relativamente a Macau ainda mantém os seus contactos, onde se encontram algumas das suas amigas.

#### *Trisha, carinho e porto de abrigo*

*Trisha* é filipina da região de Davao, casada com um português, também ele emigrante cerca de 40 anos na África do Sul, têm dois filhos um com 16 anos e o mais novo com seis anos.

Viveu nas filipinas até emigrar para Taiwan onde esteve durante dois anos a trabalhar como ama e no trabalho doméstico, gostava muito dos seus empregadores chineses com quem viveu durante esse período. Após juntar algum dinheiro, regressou às Filipinas e através da Internet foi contactada pelo atual marido, que se deslocou às Filipinas onde se conheceram tendo casado após doze dias. Um mês depois obteve o visto para se reunir ao marido na África do Sul. Aí viveram alguns anos e foi onde nasceu o seu primeiro filho, após cinco anos pediu ao marido para sair da Africa do Sul, devido ao sentimento de insegurança. Como o marido tinha alguns imóveis em Portugal optaram primeiro por vir a Portugal para ver se *Trisha* gostava do país, gostou e ficou a residir na zona de Oeiras. *Trisha* não trabalha, dedica-se à sua família e todo o tempo livre que tem para apoiar muitas pessoas da comunidade filipina em Lisboa, para os mais diversos assuntos de ordem prática (saúde, tribunal, SEF, segurança social), e também no apoio à organização de eventos com a AFP, a igreja e com a embaixada. Diz não ter hábitos nem consumos desmedidos, pelo que vivem

bem para as suas necessidades, desde criança teve hábitos de poupança e tenta incentivar os seus filhos neste comportamento.

Sempre ajudou a família nas Filipinas quando os irmãos e sobrinhos estudavam, hoje ajuda os pais quando necessitam. Desloca-se às Filipinas de dois em dois anos, com os filhos, por vezes o marido também vai. Porém, quando o marido vai ficam num hotel na cidade, e não na quinta dos seus pais por receio de raptos dos movimentos rebeldes da zona. Quando vai apenas com os filhos ficam na quinta e cumprem as tradições, nomeadamente nas refeições, comendo no chão nas folhas de bananeira à mão. Os filhos não se importam, integram-se bem neste grupo familiar alargado, quando se diz alargado parece assemelhar-se a quase toda a aldeia.

As minhas interlocutoras identificaram outros casos de migrantes filipinas, que fizeram o percurso até Portugal, através dos seus empregadores anteriores em Macau, porém essas migrantes já não se encontram em Portugal, tendo emigrado para outros países europeus, devido aos salários mais elevados, à semelhança do que fizeram à data da entrega de Macau à RPC, aproveitando a oportunidade de migrarem para um território com uma situação mais favorável em aspetos como salários, proteção social, e reagrupamento familiar.

As minhas observações vêm confirmar as características gerais da migração filipina quer em Portugal como em Macau, sendo que todos os filipinos que entrevistei, independentemente da sua origem e faixa etária e fase do ciclo de vida em que se encontram, mantêm laços com a família, amigos e colegas nas filipinas, por diversos meios, através de visitas, telefonemas, envio de remessas, envio de encomendas, email e diversas redes sociais. Com maior ou menor intensidade e frequência estes laços estão sempre presentes, criando um fluxo de múltiplas identidades que os ligam a ambos os países: origem e acolhimento, e por vezes entre os três países envolvidos – Macau – Filipinas – Portugal

## 2.4 O papel das instituições: A Igreja, a Embaixada e as Associações

No terreno, em Macau e em Portugal, e confirmando o que já fora apontado pela literatura, há diversas instituições que desenvolvem um apoio fundamental aos migrantes filipinos, tal como as igrejas, sobretudo a católica, as embaixadas e consulados filipinos, e várias associações que funcionam como organizações não governamentais.

No decurso do trabalho de campo em Macau, tive uma reunião com a Cônsul das Filipinas num Domingo, porque o Consulado também abre ao Domingo, pois é, para a maior parte dos filipinos, o único dia de folga. A azáfama era enorme, com crianças a percorrer os corredores a brincar. O Consulado colabora e tem contactos com várias entidades com o objetivo de prestar apoio aos seus cidadãos em Macau, sendo que cerca de 30 são associações religiosas. Mensalmente têm uma reunião com os líderes destas associações ou comunidades religiosas. No apoio à comunidade o Consulado colabora com a Caritas de Macau na organização de formação em várias áreas: línguas (cantonês e mandarim), hotelaria e outras áreas. Os cursos são livres e gratuitos para todos. Estas ações complementam a formação de preparação que os migrantes têm nas Filipinas, onde se incluem tarefas domésticas básicas como por exemplo aprender a trabalhar com máquinas e eletrodomésticos. A Cônsul referiu que “muitas mulheres nas filipinas não têm acesso a estes equipamentos pelo que não os sabem utilizar”.

No momento e para fazer face a situações de exploração e de abusos as associações filipinas e indonésias associaram-se para colaborar, prevendo o alargamento a outras comunidades de forma a criar grupos de pressão que façam valer os seus direitos.

Também em Portugal, apesar de a uma escala diferente, a Embaixada apresenta um papel bastante importante no apoio aos migrantes filipinos. A Embaixadora refere que esta é uma das missões da embaixada – “dar apoio aos migrantes no país onde se encontram, mas também ajudar no regresso às Filipinas, quando se justifica, como por exemplo por dificuldades financeiras ou por motivos de saúde”. A Embaixada em Portugal reabriu há cerca de oito anos, procurando ter hoje um maior peso na vertente de divulgação cultural e de apoio à comunidade.

Quanto às instituições religiosas, tanto em Macau como em Portugal, os padres filipinos da igreja católica lideram estas comunidades, facilitando contactos e providenciando recursos, potenciando a criação de capital social. A igreja católica, não só facilita a reunião e a

organização dos migrantes em comunidade como ajuda à manutenção das suas tradições religiosas no estrangeiro, e que tanto em Lisboa como em Macau tem como ponto alto a celebração ao *Santo Niño* (Valles 2018) (Silva 2018). Levitt (2003) já tinha salientado a importância da religião nas comunidades e na migração transnacional. Também Trovão, Ramalho, & David, (2015) sublinham a participação religiosa na mobilização de capital social.

Numa conversa com um padre filipino em Macau, no Centro Pastoral, o sacerdote explicou-me que estava no centro paroquial pastoral com mais dois padres, neste centro são efetuadas várias reuniões e missas, mas também em outras igrejas (Santo Agostinho, S. José, Catedral, em São Lázaro e também na Taipa) em vários horários e celebradas em inglês e tagalog. Também referiu a igreja de D. Bosco onde vão muitos filipinos nomeadamente o grupo *El Shaddai* que diz ser muito grande e representativo. Referiu que várias organizações como a *Couples for Christ* são dedicadas especialmente às famílias que providenciam aconselhamento e assistência. A comunidade procura por vezes assistência financeira e assistência legal, sendo que nestes casos por falta de meios são encaminhados para o consulado. A igreja organiza ainda e mantém os filhos dos seus seguidores ocupados em atividades relacionadas com a igreja como o coro e outras nos grupos de jovens. O espaço do centro pastoral é modesto, com um altar simples e três filas de cadeiras de cada lado, sendo utilizado para grupos mais pequenos durante a semana, mas que fica completamente cheio ao fim do dia.

Já em Portugal o apoio da igreja também é fundamental. O padre Jovito é um padre jovem e muito considerado na comunidade. Assisti à primeira missa em tagalog, com algumas partes em inglês, a igreja estava quase cheia e mais animada (muita música e canções), por comparação com a missa que decorreu anteriormente com o padre português. Muitos destes membros reúnem-se ao domingo na Igreja da Madalena em Lisboa (Baixa), e após a missa organizam atividades de socialização, como, encontros temáticos, piqueniques, jogos, concertos, onde também tive oportunidade de participar.

Das minhas observações pude constatar e compreender como estas instituições desempenham um papel de relevo na comunidade nos países de destino, destacando-se destes a Igreja e os diversos grupos e associações religiosas, não desvalorizando o papel das instituições oficiais, também relevantes, mas no quotidiano das suas vidas e para as suas

redes de contactos resolução de problemas a maior parte revê-se na comunidade religiosa a que pertencem, maioritariamente católica.

### Capítulo 3 - A circulação de cuidados e a construção de laços e sentimentos de família

Encontrei neste meu percurso etnográfico com várias famílias em Macau e Portugal percursos diferentes, e também fluxos de pessoas, emoções e redes de suporte, à semelhança do que alguns autores referem nos seus estudos sobre circulação de cuidados onde o estatuto legal a que podem aceder como migrantes pode condicionar a suas práticas, mas também a intensidade com que podem providenciar e receber esses cuidados (Merla 2014).

#### 3.1. Superar a ausência

Como disse anteriormente, a manutenção de laços familiares num contexto migratório tem sido entendida como um aspeto saliente da migração filipina (Bryceson e Vuorela 2002); (M. & Semyonov 2008). Neste capítulo sobre cuidados transnacionais nas famílias filipinas foram bastante inspiradores os trabalhos de Parreñas (2001) e de Baldassar e Merla (2014), já descritos anteriormente.

A situação de Bianca, que está em Macau há cerca de 27 anos, é reveladora desta luta emocional provocada pela distância que a migração acarreta, tem quatro filhos que já nasceram em Macau. Vive atualmente uma situação mais tranquila, começou por trabalhos domésticos e em 1999 começou a trabalhar nos hotéis, cujo salário é bastante melhor que no trabalho doméstico, atualmente trabalha como *duty manager* num hotel. O salário “dá para as despesas da família”. O marido trabalha no aeroporto de Macau, e tem um “salário razoável o que dá para suportar também a família nas Filipinas”. Bianca tenciona “voltar às Filipinas depois dos filhos terminarem os estudos”, mas quando os filhos mais velhos eram pequenos, e estavam nas Filipinas, por causa dos horários não conseguia tê-los em Macau, nas Filipinas “estavam entregues a familiares e a uma ama”. Bianca recorda esta experiência como traumatizante: “quando iam ver os filhos às Filipinas ou quando os filhos vinham a Macau, eles não os reconheciam como pais, e preferiam estar com a ama ou com os avós”. Quando as crianças foram viver com eles para Macau tiveram um período de adaptação à situação muito longo, dois anos. Por ter passado por esta situação, tão traumática, no grupo



da igreja a que pertence aconselha outros pais migrantes ao nível dos comportamentos relativamente aos seus filhos, de forma a não passarem por uma experiência emocionalmente tão negativa.

Daqui podemos entender a influência do contexto da sociedade de acolhimento na circulação de cuidados destas famílias e identificar como estas podem ou não retirar partido da estrutura de oportunidades existente. A separação e ausência de um membro da família tem implicações no quotidiano do agregado familiar, nas rotinas e nas responsabilidades de quem parte e de quem fica. É necessário procurar compromissos e preparar as condições para a separação, mesmo em situações em que os filhos nascem em Macau e posteriormente têm que regressar para as Filipinas e aí ficar com familiares ou amigos próximos. Não será uma decisão tomada de ânimo leve ou livre conflitos emocionais. Nas comunidades filipinas e na população com quem trabalhei e pela observação que realizei, em Macau a maioria dos migrantes são mulheres, que dependendo do seu estatuto legal, podem ou não ter consigo os filhos no país de acolhimento, mesmo nesta situação, alguns casais, optam por enviar os seus filhos para as Filipinas onde ficam ao cuidado de avós ou outros membros da família, tias por exemplo, e mesmo com amigos próximos, considerados como membros da família alargada. O estatuto legal que detêm, residentes permanentes ou trabalhadores não residentes apresentam claras evidências relativamente ao tipo de suporte ou apoio que podem fornecer à sua rede familiar nas filipinas – apoio financeiro, bens, apoio emocional, não só aos filhos, mas também aos pais, sobrinhos, irmãos.

A circulação de cuidados que pode cruzar gerações está manifesta nas várias famílias com a preocupação sempre presente no *“ajudar a família”*, especialmente os filhos são fonte de preocupação constante, bem como a sua quase obsessão para que estes tenham uma boa educação, para tenham melhores condições de vida no futuro, mesmo que tal implique a migração à semelhança dos seus pais. A grande motivação encontrada em todas estas histórias de vida é a ajuda à família, que se manifesta no apoio circular que se encontra nas práticas de cuidados: não só na ajuda financeira, mas também no suporte emocional entre os membros da família restrita, mas igualmente o que se considera a família alargada, onde se incluem os amigos próximos, que muitas vezes servem de ancoradouro para o cuidar. Dos testemunhos dos meus entrevistados resulta que esta circulação de cuidados se manifesta

de várias formas como sejam o envio de remessas, de encomendas, através das visitas, estas com maior ou menor regularidade, e através dos contactos mais imediatos por telefone e internet (*Facebook, Messenger, Whatsapp*, entre outros). Todos estes meios de cuidar têm como objetivo acompanhar a situação quotidiana dos seus familiares e amigos, como para pagar a educação, comprar diversos tipos de bens materiais, pagar contas e, por vezes, em investimentos como compra de negócios e construção de imóveis. Também o apoio de instituições como a igreja e entidades oficiais se revela de grande importância, fatores que mencionei no capítulo anterior.

### 3.2 A comunicação e a Presença digital

Em Macau, quem permanecer por algum tempo no Largo do Senado verifica a permanência de muitos migrantes filipinos, com algo em comum... o telemóvel, as chamadas, as redes sociais, as videochamadas são uma constante nos espaços públicos, sendo neste local mais evidente pelo número de pessoas que se observa. Entre as minhas interlocutoras, as novas tecnologias são uma presença diária, as cartas foram substituídas pelas redes sociais e pelo telefone, as visitas podem ser mais ou menos frequentes, mas as tecnologias permitem ultrapassar a distância de uma forma exponencial, permitem um contacto instantâneo e muito mais frequente. Mas como refere Parreñas (2014) a intimidade que se gera decorre desta possibilidade de acesso imediato, o ser capaz de chegar aos seus entes queridos de imediato e sem dificuldade e de forma sincronizada, esta intimidade é possível para muitas famílias transnacionais, mas não para todas. Na situação da Joyce, por exemplo, os contactos telefónicos e via redes sociais são difíceis para a sua terra de origem pois “a rede é fraca”, mas nos restantes casos verificam-se contactos diários. Mas, como também refere Parrenãs, a impossibilidade de efetuar estes contactos instantâneos não implica necessariamente a perda de intimidade. Elliott & Urry (2010) usam a expressão “mobile lives” para descrever o modo como a migração agora é diferente, uma vez que os migrantes utilizam as suas redes de contactos transnacionais para apoiar a sua integração nas sociedades de acolhimento, enquanto simultaneamente mantém os laços e ligações com os seus países de origem e com outras redes de migrantes. A migração separa as famílias através de longas distâncias, mas a

rede de cuidados, de suporte e afetos fortificasse também com a distância (Elliott e Urry 2010, 100). Nestes casos, a intimidade e o cuidar têm lugar à distância através de cartas, encomendas, fotografias, telefonemas, emails, remessas e visitas intermitentes sendo que a obrigação de cuidar, não implica necessariamente uma proximidade cara a cara. As pessoas podem estar próximas, em contacto e juntas, mesmo quando grandes distâncias as mantêm separadas fisicamente.

Baldassar (2008) partindo de famílias migrantes italianas a viver na Austrália, explora as emoções relacionadas com a “saudades” e a necessidade de manter relações familiares transnacionais. Na conversa com os meus interlocutores percebe-se esta “saudades” quando exprimem a tristeza associada à separação quando falam dos filhos ou dos pais ausentes, e mesmo da “casa” sendo que estes sentimentos levam a práticas já mencionadas para superar este sentimento (telefonemas, Skype, ajuda financeira, etc.) Baldassar (2008) afirma que “dada a distância temporal e geográfica que separa as famílias transnacionais o modo mais frequente de contacto é a copresença virtual que é construída através das várias tecnologias de comunicação”. Esta realidade é muito evidente nas vidas das minhas interlocutoras que as utilizam quotidianamente com os seus familiares, como a Ann com os sobrinhos ou a Justine com os filhos. Tal implica também a necessidade de articular horários, pois as diferenças horárias são consideráveis entre Portugal e as Filipinas, em Macau a proximidade geográfica facilita também neste aspeto.

Dekker & Engbersen (2014) referem como as tecnologias e os media sociais transformaram as redes migratórias e atuam como facilitadoras da migração, atualmente com a revolução tecnológica e a sua grande acessibilidade acabou por tornar mais fácil os contactos entre os diversos pontos do globo- Como refere Vertovec (2009) trata-se de um tipo de “*cola social*” que liga os migrantes em todo os pontos. Efetivamente hoje em dia, as redes sociais conduziram, pela sua rapidez e instantaneidade e volumes de informação disponíveis, a uma alteração nos padrões da vida quotidiana da grande maioria dos migrantes. A comunicação deixou de estar dependente dos correios e passou a ser imediata, seja por telefone ou por internet, esta sobretudo através das redes sociais, permite contactos com múltiplos indivíduos e entidades, família, amigos e mesmo instituições.

Estes novos meios de comunicação facilitam a superação da ausência, tornando a separação mais suportável, e facilitam também a troca de informações mais práticas como as oportunidades de emprego e condições de trabalho nos países de destino (Dekker e Engbersen 2014, 414). Entre os migrantes filipinos, o Facebook é uma ferramenta importante, utilizada pela embaixada para a comunicação de datas para registo de voto ou outros eventos considerados importantes para a comunidade migrante, como avisos de alerta para esquemas fraudulentos de recrutamento ilegal de migrantes.

Por outro lado, verificamos também que em algumas situações, estes novos meios de comunicação nem sempre estão tão acessíveis, ou pelo menos do mesmo modo. Dependendo da própria região de origem nas Filipinas, as formas de comunicação com a família podem variar em função do acesso à tecnologia de comunicação. A Joyce fez notar algumas dificuldades em manter contacto com os familiares no quotidiano. Os contactos com as filipinas por telefone são muito caros, mesmo com o cartão comprado para as chamadas internacionais, 50 MOP (cerca de 5 euros) só dura cerca de 20 minutos. Os familiares nem sempre têm acesso à rede de Internet em casa, devido à fraqueza do sinal. Para Justine, o acesso às tecnologias em Macau e nas Filipinas permite que mantenha contacto diário com os filhos através da Internet, de tal modo que até os acompanha nos trabalhos de casa. Assim estes novos meios de comunicação permitem reconfigurar os relacionamentos à distância, e a literatura sobre o tema, inclusivamente, dá especial destaque à situação das mães filipinas que migram e deixam os seus filhos para trás (Madianou e Miller 2011).

Ann mantém contactos diários com os sobrinhos através da internet através do *“chat”*. Já Jenny a viver em Portugal também consegue falar quase diariamente com o irmão que está nas Filipinas e por vezes também na Bélgica, a irmã que vive na Irlanda, e o resto da família nas Filipinas. Fá-lo sobretudo através do vídeo chat do Messenger. Esta dispersão geográfica obriga também a uma gestão dos tempos, “ligo de manhã, durante a semana, pois acordo cedo, e lá é hora de almoço, já ao fim de semana posso falar mais tarde”.

Como menciona Nedelcu (2012) a internet para estes atores, em múltiplas localizações, permite a emergência do que chama um novo *“habitus transnacional”*, que possibilita o reforço dos seus laços, através destas viagens virtuais, como demonstram os testemunhos

anteriores, em que estes encontros virtuais levam a uma reconfiguração do espaço e do tempo.

### 3.3 *Balikbayan* – As encomendas de amor

Se um dos principais motivos para migrar é melhorar a condição económica da família, o envio de encomendas a par das remessas de dinheiro, são formas de concretização dessa ajuda e os resultados práticos do projeto migratório.

Em Lisboa não é tão evidente, mas em Macau, talvez por ser geograficamente mais pequeno e também pela maior concentração de migrantes, é muito visível a azáfama de compras e de negócios dedicados à migração, como o envio de encomendas e remessas para as Filipinas.

Este envio de encomendas chamadas *balikbayan* é uma forma de manter os laços com a família nas Filipinas. Os discursos em torno desta prática permitem compreender que ela pretende dar resposta a necessidades do círculo familiar, e são por isso uma espécie de *encomendas de amor*. Ao mesmo tempo, elas são também um símbolo de estatuto, para quem está fora do país, mas também para quem fica, é uma forma de demonstrar o sucesso que encontraram na migração através dos bens e do dinheiro enviados para os seus familiares e amigos. No seu dia-a-dia, os migrantes vão fazendo as compras e enchendo as caixas de encomendas até que, quando estão cheios são enviados para os seus entes queridos. Trata-se então de uma prática que faz parte da sua rotina. Pude observar esta prática em Macau, mas também em Hong Kong, onde, sobretudo nas lojas com promoções e mercados de rua, se vêem muitas mulheres filipinas com malas de viagem, com grande entusiasmo, a empacotar cremes de beleza, gel de banho, roupas etc.

Apesar de ser um movimento mais dos países de destino para as Filipinas, também existe o processo inverso. Jenny, por exemplo, apesar de ir às Filipinas a cada dois anos, e receber visitas da mãe em Portugal, contou-me que a sua empregada Bea, também filipina, foi o ano passado às Filipinas de férias (dois meses e meio) e, quando regressou, trouxe uma mala com 30 kg de coisas que a mãe de Jenny enviou para ela e para a irmã que está na Irlanda. Segundo Jenny são “*Philippines delicacies*” que não existem cá. Esta encomenda acabou por

ter um percurso transnacional, pois metade era para ela e a outra metade para a irmã em Dublin. A Bea saiu de Manila domingo à noite, chegou a Lisboa na segunda-feira. De Lisboa foi enviada metade da encomenda para Dublin para que lá chegasse até quinta-feira de modo a que os produtos não se estragassem.

Asis (2006) explica-nos bem este fenómeno relacionado particularmente com a cultura migratória filipina. A autora refere-se ao *balikbayn* como “caixas gigantescas” para envio de presentes e que o governo de Marcos, em meados dos anos de 1970, utilizava, para atrair os filipinos a residir no estrangeiro de volta ao país” criando condições fiscais vantajosas para quem regressava ou enviava remessas ou encomendas. Originalmente o *balikbayn* referia-se a um migrante filipino, normalmente a viver por longo tempo nos EUA e que visitava as Filipinas e trazia consigo presentes daquele país. Com o evoluir dos anos refere-se a qualquer filipino que resida no estrangeiro, dada a dimensão da migração filipina que se espalha por mais de 100 países. O significado do *balikbayn* mantém-se, mas nem sempre significa a visita física do migrante, por vezes são apenas as encomendas, por isso muitos podem só enviar as gigantescas caixas com os presentes aos quais também se chama *balikbayn*. Asis vê estas caixas de *balikbayn* como um “laço simbólico entre os migrantes filipinos e o seu país de origem” (Asis 2006, 24-28).

Portanto para além das remessas em dinheiro que enviam para as Filipinas, os migrantes sentem ainda a necessidade de fazer sentir a sua presença no seu local de origem através das caixas de *balikbayn*. Trata-se de mais uma forma de mostrarem a sua presença no agregado familiar, apesar da distância física e das ausências prolongadas. Jenny chega mesmo a afirmar que “quem não envia as caixas de balikbayan mais vale não viajar para visitar a família e os amigos”, tal é a expectativa colocada nestas encomendas por aqueles que ficam na origem. Camposano (2012) considera esta prática desenvolvida pelos migrantes filipinos em Hong Kong como uma forma de as mulheres migrantes construírem pontes entre HK e Filipinas.

As *Balikbayan Box* expressam o esforço dos migrantes se manterem presentes e amenizar a sua ausência entre familiares e amigos, com uma presença quotidiana e positiva através dos produtos que enviam como: brinquedos, champôs, gel de banho, cremes, detergentes, roupa, sapatos, chocolates, pequenos eletrodomésticos, aparelhos eletrónicos, entre outros.

Esta prática das encomendas *balikbayn* denotam um forte envolvimento nesta cultura migratória e apresenta-se também como uma verdadeira indústria. Desde 1 de agosto 2017 que foram implementadas novas regras para envios com isenção de taxas (thepinoyofw 2017): só podem ser enviados por Filipinos elegíveis (pessoas com passaporte filipino que estejam no estrangeiro, que sejam não residentes ou tenham vistos temporários); os recetores têm que ser familiares até ao quarto grau; é necessário listar os produtos enviados; necessário apresentar recibo se valor for superior a 10 000 pesos filipinos (cerca de 165 euros); podem ser enviadas três encomendas por ano civil até um valor total de 150 000 pesos filipinos (2 500 euros); os itens que excederem a quantidade ou valor permitidos são taxados.

**Foto 2:** Loja de envio de mercadorias (Macau)



Fonte: Helena Cruz (2017)

### 3.4 As Remessas e investimentos na economia filipina

Do trabalho de campo compreende-se que a lógica do envio de remessas está ligada aos planos para o futuro e ao suporte imediato para a família que são um objetivo fundamental da migração. Mark, por exemplo, tem a filha nas Filipinas, que concluiu recentemente a sua formação superior. Foram as remessas que recebeu e que recebe com regularidade dos pais para fazer face às despesas, que permitiram fazer um investimento na educação, e



possibilitará eventualmente a esta jovem concretizar o seu plano de num futuro recente emigrar. Esta estratégia é apoiada pelos seus pais, migrantes há vários anos em Macau.

Os apoios financeiros não vão apenas de pais para filhos em formação. Joyce, que não tem filhos, mas envia remessas para apoiar os pais e os seus sete irmãos, ainda estudantes. Para além do investimento na educação dos irmãos, o dinheiro de Joyce tem sido usado na construção de uma casa melhor para a família.

Maria que vive há um longo período de tempo em Macau, tem usufruído dos seus rendimentos do trabalho para ajudar financeiramente a família através do envio de remessas e também optou por investir economicamente no seu país de origem, tendo adquirido uma quinta onde produz cocos e mangas que é gerida pela irmã. Também Ann a residir em Portugal ajuda financeiramente os negócios que a família mantem nas filipinas no ramo imobiliário. Nicole de uma forma diferente através do seu negócio de importação de produtos filipinos para Portugal também tem um papel relevante pois criou uma pequena unidade de produção nas Filipinas, onde emprega várias pessoas da sua família.

Muitos dos discursos dos migrantes referem as dificuldades iniciais no seu percurso de migração, mas consideram ser compensador este sacrifício em benefício da família, de forma a conseguir melhorar as suas condições de vida no médio e longo prazo.

Considerando a importância que os migrantes atribuem ao cuidado dos seus familiares quando indicam que a sua motivação principal é “ajudar a família” é importante referir que tanto as remessas como as encomendas fazem parte destes “cuidados”. As Filipinas estão classificadas no top dos cinco países que mais remessas recebem, com cerca de 31,1 mil milhões de dólares em 2016, o que representa 10,2 % do PIB para aquele ano (GMDAC 2017). Dos aproximadamente 11 milhões de famílias nas Filipinas, 17% relatam terem recebido algum tipo de rendimento proveniente do estrangeiro, representando este cerca de 8% do rendimento dos agregados familiares nas filipinas (Rodriguez 1996, 427)

Para além da educação e de investimentos económicos, as remessas enviadas pelos migrantes filipinos no exterior são utilizadas para comprar comida, roupa. Semyonov & Gorodzeisky (2008) num trabalho sobre o impacto das remessas dos migrantes filipinos nos agregados familiares nas Filipinas, verificaram que os agregados com trabalhadores



migrantes têm um rendimento cerca de 30% superior face aos agregados sem trabalhadores migrantes, o que permite que o seu nível de vida também seja superior (2008, 626). Efetivamente pude constatar esta situação relativamente aos migrantes filipinos objetos do meu estudo.

### **Considerações Finais**

No início desta investigação propus estudar as famílias transnacionais filipinas e a circulação de cuidados em Macau e Portugal. A partir da questão inicial: como é que, em situação de dispersão territorial dos seus membros, as famílias transnacionais filipinas reconfiguram laços e sentimentos de família e criam redes de circulação de cuidados entre as Filipinas, Macau e Portugal? Defini um conjunto de objetivos específicos que me iriam permitir responder à questão inicial, e às quais tentei chegar no decurso desta investigação.

O primeiro objetivo seria identificar as estratégias de mobilidade levadas a cabo pelas famílias filipinas, nomeadamente a criação e aproveitamento de oportunidades, para esta análise foi essencial compreender o contexto histórico e como foi criada, desenvolvida e mantida a “cultura migratória” filipina (Maruja 2006), num contexto de crise e de fraco desenvolvimento económico nas Filipinas. Tal conduziu ao enraizamento desta vontade de emigrar por parte da população filipina até aos dias de hoje. Esta cultura desenvolvida a partir dos anos 1970, sobretudo, foi potenciando o aumento do número de famílias migrantes transnacionais filipinas, de modo a fazerem frente às grandes dificuldades económicas no seu país. Esta cultura caracteriza-se pela utilização de uma rede de contactos (amigos e familiares) no exterior, bem como os canais oficiais que apoiam a migração através de agências específicas para o efeito. Os migrantes filipinos nem sempre optam pelas vias legais para se instalarem nos diferentes países, estando mais atentos à estruturas de oportunidades nos diferentes países de destino, seja por via das políticas de isenção de vistos (Macau), seja porque têm redes familiares que auxiliam a sua integração e inserção no mercado de trabalho em países mais benevolentes nas políticas migratórias (como Portugal), seja através do casamento com nacionais do país de destino, fórmula mais facilitada nos últimos anos devido à multiplicação redes sociais e plataformas de conhecimento na Internet.

O segundo objetivo referia-se a identificar e descrever os membros das redes familiares, os laços e vínculos que os ligam e as posições que ocupam na rede familiar. Neste aspeto verifiquei que, quer em Macau, quer em Portugal, os membros destas redes familiares são maioritariamente mulheres, pelo menos na fase inicial do percurso migratório, sendo que por vezes casam e constituem família já como migrantes. Em Portugal detetei vários casos de mulheres filipinas que chegaram a Portugal precisamente através do casamento com cidadãos portugueses. As mulheres tendem a desempenhar um papel preponderante nas famílias, sobretudo porque sendo migrantes constituem uma fonte de rendimento importante para quem fica nas Filipinas. Sendo casadas, os casos que encontrei, são de não haver separação geográfica entre os casais, mas é particularmente comum a separação entre pais e filhos. Assim os migrantes tendem a ser mulheres, sozinhas ou casadas, que ajudam os filhos a formar-se e os estimulam a migrar também. Os membros da rede familiar que ficam na origem são filhos, pais, irmãos, e sobrinhos que são entendidos como a “família” beneficiária da migração. Especialmente em Macau identifiquei muitas situações de pais separados dos filhos o que acarreta segundo estes entrevistados um grande sacrifício emocional, mas tal é entendido como fazendo parte do projeto de migração, e a opção que existe para dar aos filhos as condições necessárias para usufruírem de uma boa educação e boas condições de vida. A família na origem também acaba por colmatar as ausências dos migrantes, por exemplo, cuidando dos seus filhos, ou dos seus interesses económicos em investimentos feitos pelos migrantes.

O terceiro objetivo pretendia identificar a natureza e o tipo de recursos trocados nas redes familiares filipinas. Os recursos trocados no interior das famílias transnacionais são múltiplos: económicos, nas remessas e na criação de emprego para familiares nas Filipinas, sociais, na possibilidade dos familiares de migrantes melhorarem o seu estatuto social, por via do maior desafogo económico em que vivem, e emocionais, os laços que mantém, e todas as trocas que efetuam expressam a existência de laços emocionais entre os familiares espalhados na rede transnacional.

Por último, procurei descrever e identificar as práticas de troca, designadamente as instituições e os canais, e o modo como estão implicados na circulação de cuidados que se manifestam através do envio de remessas, de encomendas, através das visitas, com maior

ou menor regularidade, e através dos contactos mais imediatos por telefone e Internet (*Facebook, Messenger, Whatsapp*, entre outros). Todos estes meios de cuidar têm como objetivo acompanhar a situação quotidiana dos seus familiares e amigos, como para pagar a educação, comprar e enviar diversos tipos de bens materiais, pagar contas, e fazer investimentos em negócios ou na construção de imóveis. Nesta rede de circulação de cuidados as várias instituições, como a igreja e entidades oficiais, como a Embaixada, o Consulado, agências governamentais vocacionadas para a migração e ONGs servem igualmente de suporte.

O sacrifício gerado pela migração que leva à separação física das famílias obriga a superar essa ausência através de várias práticas. Tais práticas beneficiam grandemente das novas tecnologias de comunicação digital, bem como uma presença material dos migrantes através do *Balikbayan*, a que chamei encomendas de amor, e das remessas e investimentos nas Filipinas.

A família transnacional como vi interpretada por alguns dos meus entrevistados parece corresponder a uma situação relativamente temporária, contudo para outros é algo já considerado definitivo, em que o objetivo de regressar às Filipinas já não se coloca, assumindo que, em definitivo, vão viver como migrantes nos seus países de destino. Porém, em qualquer das situações continuam a procurar superar a sua ausência física e geográfica através de práticas de cuidados transnacionais, reiterando desta forma os seus laços familiares e o seu sentido de pertença no país de origem. As conversas com os meus interlocutores permitiram-me compreender como os laços e sentimentos de família são reconfigurados à distância, através da manutenção de contactos, diários ou muito frequentes com a sua família distante de forma a manter um sentimento de proximidade, através da planificação de projetos futuros e demonstrando uma preocupação constante.

Como referi no início desta dissertação, os estudos sobre migrantes filipinos em Portugal são quase inexistentes, exceção para o trabalho de Trovão, Sónia, & David (2015) , o que contrasta largamente com a produção académica acumulada sobre outros fluxos migratórios como os provenientes do Brasil e de Cabo-Verde. Neste estudo, onde analisam as famílias transnacionais, comparando famílias são-tomenses, indo-moçambicanas e filipinas em Lisboa, identificam algumas características como: o objetivo de apoio à família através do

envio de remessas, encomendas e visitas com alguma regularidade; uma boa integração na sociedade de destino e no mercado de trabalho, o papel relevante da igreja. Em Portugal, mas como verifiquei, também em Macau assume um papel fundamental na agregação da comunidade, do terreno percebe-se um forte sentido de identidade coletiva e de proteção da comunidade; distingue-se ainda a situação destes migrantes relativamente ao reagrupamento familiar sendo em Portugal mais facilitado do que em Macau; parece ainda identificar-se uma tendência para os casamentos com cidadãos portugueses, que não posso generalizar dada a limitação do número de contactos efetuados para este estudo. Estas características que identifiquei vêm confirmar o estudo de Trovão, Sónia, & David (2015).

No decorrer desta investigação, necessariamente breve no tempo, muitas questões emergiram para um eventual aprofundamento futuro: nomeadamente uma maior compreensão sobre a situação e a experiência da família transnacional por parte dos membros das famílias que ficam nas Filipinas; a compreensão da expansão da rede migratória filipina para África, nomeadamente para Angola; aprofundar o papel do casamento entre filipinas e portugueses na migração; aprofundar o impacto das encomendas e das remessas provenientes do exterior na vivência das famílias nas Filipinas.

## Bibliografia

- Agunias, Doreen Rannveig, e Neil G Ruiz. "Protecting Overseas Workers: Lessons and Cautions from the Philippines." *Insight*. Editado por Migration Policy Institute. Washington,DC, September de 2007.
- Amaro, Ana Maria. *Macau: o final de um ciclo de esperança*. Lisboa, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1997.
- Anderson, Benedict. *Imagined Communities Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Terceira Edição. London & New York: Verso, 2006.
- Appadurai, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Vol. 1. Minnesota: U of Minnesota Press, 1996.
- Asis, Maruja M B. "Desenvolvendo la caja de balikbayan: los filipinos en el extranjero y su país de origen." *Relaciones Estado-diáspora: Aproximaciones desde cuatro continentes*. Editado por coord. Carlos González Gutiérrez. Secretaría de Relaciones Exteriores/Universidad Autónoma de Zacatecas, 2006. 23-51.
- Baldassar, Loretta. "Missing Kin and Longing to be Together: Emotions and the Construction of Copresence in Transnational Relationships." *Journal of Intercultural Studies*, 2008: 247-266.
- Baldassar, Loretta, e Laura Merla. *Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: Understanding Mobility and Absence in Family Life*. Editado por Laura Merla Loretta Baldassar. Routledge, 2014.
- . *Transnational families, migration and the circulation of care: understanding mobility and absence in family life*,. New York: Routledge, 2013.
- Basch, Linda, Nina Glick Schiller, e Cristina Szanton Blanc. *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*. London & New York: Routledge Taylor & Francis Group, 1994.
- Basch, Linda, Nina Glick Schiller, e Cristina Szanton Blanc. "Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration." *Annals Of The New York Academy Of Sciences* (New York Academy of Sciences) 645 (7 1992): 1-24.
- Battistella, Graziano. "Multi-level Policy Approach in the Governance of Labour Migration." *Asian Journal of Social Science* 40 (2012): 419-446.
- Bernard, H. Russel. *Research Methods in Anthropology - Qualitative and Quantitative Approaches*. 4th Ed. Oxford: Altamira Press , 2006.
- Boccagni, Paolo. "Rethinking transnational studies: Transnational studies and the transnationalism of everyday life ." *European Journal of Social Theory*, 2012: 117-132.
- Bryceson, Deborah, e Ulla Vuorela. *The Transnational Family New European Frontiers and Global Networks*. Oxford . New York: Berg, 2002.

- Bryceson, F. D., e Ulla Vuorela. "Transnational Families in the Twenty-first Century." Em *The Transnational Family New European Frontiers and Global Networks*, de Deborah Bryceson Fahy e Ulla Vuorela, 3-30. Oxford: Berg Publishers, 2002.
- Cabral, João de Pina. "A Complexidade Étnica de Macau." Em *Estudos Orientais V - O Oriente hoje: do Índico ao Pacífico*, de Instituto Oriental, 209-224. Lisboa: Instituto Oriental, 1994.
- Camposano, Clement C. "Balikbayan Boxes and the Performance of Intimacy by Filipino Migrant Women in Hong Kong." *Asian and Pacific Migration Journal* 21 (2012): 83-103.
- Carvalho, Marco. "Em Foco." *Ponto Final*, 24 de Outubro de 2016: 4-6.
- Castles, S., e M. J. Miller. *The Age of Migration*. Segunda edição. Houndmills, Basingstoke, Hampshire and London: Macmillan Press, LTD, 1998.
- CFO. *Commission on Filipinos Overseas*. 2013. <http://cfo.gov.ph/downloads/statistics/stock-estimates.html> (acedido em 12 de 02 de 2018).
- Constable, Nicole. "Telling Tales of Migrant Workers in Hong Kong: Transformations of Faith, Life Scripts, and Activism." *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, Setembro de 2010: 311-329.
- Creswell, Jong W. *Research Design, Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. 4th. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: SAGE Publications, Inc, 2014.
- Cruz, Helena. "Famílias transnacionais filipinas. Projeto de dissertação de mestrado em antropologia." Lisboa: ISCSP, 2017.
- Cruz, Helena. "Macau Terra Histórica de Destinos: O Fenómeno Migratório na China e na RAE de Macau." Em *Antologia sobre a Ásia Contemporânea - Perspetivas de Investigação no instituto do Oriente*, editado por ISCSP, 383-404. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2018.
- . "O papel do Estado na migração filipina." Trabalho apresentado na UC de Estado, Governação e Política: Trabalho não publicado, 2017.
- Dekker, Rianne, e Godfried Engbersen. "How social media transform migrant networks and facilitate migration." *Global Networks* (Global Networks Partnership & John Wiley & Sons Ltd) 14, nº 4 (2014): 401-418.
- DSAL. *Síntese da Análise da Situação dos Trabalhadores Não Residentes*. Direcção dos Serviços para os Assuntos Laborais, Macau: Direcção dos Serviços para os Assuntos Laborais, 2016, 4.
- DSEC. *Results of 2011 Population Census*. Governo da Região Administrativa Especial de Macau DSEC - Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, Macau: DSEC, 2011, 1-144.

- DSEC. *Results of 2011 Population Census*. Censos, DSEC - Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, Macau, Macau: DSEC, 2011.
- Elliott, Anthony, e John Urry. *Mobile lives: self, excess and nature*. New York, New York: Routledge, 2010.
- . *Mobile Lives: self, excess and nature*. New York, New York: Routledge, 2010.
- Eversole, Robyn, e Judith Shaw. "Remittance Flows and Their Use in Households: A Comparative Study of Sri Lanka, Indonesia and the Philippines." *Asian and Pacific Migration Journal* 19, Nº 2 (2010): 175-202.
- Eversole, Robyn, e Mary Jonhson. "Migrant remittances and household development: an anthropological analysis." *Development Studies Research* 1, Nº 1 (2014): 1-15.
- Faist, Thomas. "Transnationalization in international migration: implications for the study of citizenship and culture." *Journal of Ethnic and Racial Studies* 23, 2000 - Issue 2 (2010).
- Francisco, V., e R. M. Rodriguez. "Countertopographies of Migrant Women: Transnational Families, Space, and Labor as Solidarity." *Workingusa*, 2014: 357-372.
- GMDAC. *migrationdataportal*. Editado por IOM'S Global Migration Data Analysis Centre. 12 de 2017. <https://migrationdataportal.org> (acedido em 26 de 03 de 2018).
- Gupta, Akhil. "The song of the nonaligned world: transnational identities and the reinscription of space in late capitalism." *Cultural Anthropology* (American Anthropological Association) 7(1) (02 1992): 63-79.
- Hammersley, Martyn, e Paul Atkinson. *Ethnography, Principles in Practice*. Second Edition. London and New York : Routledge, 1995.
- Hewison, K., & Young, K. *Transnational Migration and Work in Asia*. Editado por & K. Young K. Hewison. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2006.
- Huang, S., & Yeoh, B. A. "Transnational families and their children's education: China's 'study mothers' in Singapore." *Global Networks*, 2005: 379-400.
- IAS. *Relatório do Estudo sobre a Vida e as Necessidades dos Novos Imigrantes em Macau*. Instituto de Acção Social do Governo da RAEM, Macau: Instituto de Acção Social do Governo da RAEM, 2004, 1-245.
- Kaur, Arunajeet. S. *Rajaratnam School of International Studies*. 18 de Novembro de 2016. [www.rsis.edu.sg](http://www.rsis.edu.sg) (acedido em 5 de Janeiro de 2017).
- Komito, Lee. "Social Media and Migration: Virtual Community 2.0." *JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY*, 2011: 1075-1086.
- Lam, Sou Hei. "Direitos para todos." *Plataforma*, 02 de 02 de 2018.

- Law, L. "Home cooking: Filipino women and geographies of the senses in Hong Kong." *Ecumene*, 2001: 264-283.
- Lévi-Strauss, C. *The Elementary Structures of Kinship*. Editado por Beacon Press. Boston, 1969.
- Levitt, Peggy. "'You Know, Abraham Was Really the First Immigrant': Religion and Transnational Migration." *IMR* (Center for Migration Studies of New York) 37, nº3 (2003): 847-873.
- Levitt, Peggy, e B. Nadya Jaworsky. "Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends ." *Annual Review of Sociology*, 2007: 129-156.
- Lourenço, Nelson. "Globalização e Pertinências Regionais: Macau e a Região do Delta." Em *Estudos Orientais - V O Oriente hoje: do Índico ao Pacífico*, de Instituto Oriental - Vários, 195-208. Lisboa: Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1994.
- Macau Daily Times. "Migrants "have reasons to complain"." *Macau Daily Times*, 14 de Março de 2011.
- Madianou, Mirca, e Daniel Miller. "Mobile phone parenting: Reconfiguring relationships between Filipina migrant mothers and their left-behind children." *new media & society*, 2011: 457-470.
- Malinowski, Bronislaw. *Argonauts of The Western Pacific, An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*. Second Impression, February, 1932. London: George Routledge & Sons, Ltd, 1932.
- Marcus, George E. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography." *Annual Review of Anthropology*, 1995: 95-117.
- Maruja, Asis. "The Philippines Culture of Migration." *migrationpolicy.org*. 1 de 01 de 2006. [www.migrationpolicy.org](http://www.migrationpolicy.org).
- Massey, Douglas S., Joaquin Arango, Graeme Hugo, Ali Kouaouci, Adela Pellegrino, e J. Edward Taylor. "Theories of International Migration: A Review and Appraisal." *Population and Development Review* (Population Council) 19 (3) (09 1993): 431-466.
- Mauss, Marcel. *The Gift The form and reason for exchange in archaic societies*. London: Taylor & Francis e-Library, 2002.
- Mckay, Deirdre. "'Sending Dollars Shows Feeling`- Emotions and Economies in Filipino Migration." *Mobilities* (Routledge) 2 Nº 2 (July 2007): 175-194.
- McKay, Deirdre. "Translocal Circulation: Place and Subjectivity in an Extended Filipino Community." *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, 2006: 265-278.
- Merla, Laura. "A Macro Perspective on Transnational Families and Care Circulation." Em *Transnational Families, Migration and the Circulation of Care - Understanding*



- Mobility and Absence in Family Life*, de Loretta Baldassar e Laura Merla, editado por Loretta Baldassar e Laura Merla, 115-129. Routledge, 2014.
- Nedelcu, Mihaela. "Migrants' New Transnational Habitus: Rethinking Migration Through a Cosmopolitan Lens in the Digital Age." *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2012: 1339-1356.
- Oh, Yoon Ah. "Oligarchic rule and best practice migration management: the political economy origins of labour migration regime of the Philippines." *Contemporary Politics* (Routledge), 2016.
- OIM. *iom.int/asia-and-pacific*. 2016. <http://www.iom.int/asia-and-pacific> (acedido em 1 de 11 de 2016).
- Parreñas, R. S. "Mothering from a distance: Emotions, gender, and intergenerational relations in Filipino transnational families." *Feminist studies*, 2001: 361-390.
- Parreñas, Rhacel Salazar. "Human Sacrifices - What happens when women migrate and leave families behind? The case of the Philippines raises some troubling questions." *The Women's Review of Books* (Old City Publishing, Inc,) 19 (Feb. 2002): 16.
- Parreñas, Rhacel Salazar. "The intimate labour of transnational communication." *Families, Relationships and Societies* 3 (2014): 425-42.
- Piteira, Carlos Manuel. *Mudanças Sócio-Culturais em Macau A Questão da Étnica Macaense*. Lisboa: ISCSP, 1999.
- Pribilsky, J. "'Aprendemos a convivir': Conjugal relations, co-parenting, and family life among Ecuadorian transnational migrants in New York City and the Ecuadorian Andes." *Global Networks*, 2004: 313-334.
- RAEM. *Relatório do Estudo sobre a Política Demográfica de Macau*. Gabinete de Estudo das Políticas, Governo da Região Administrativa Especial de Macau, Macau: Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 2015.
- Rodrigues, Irene. "A vida social do dinheiro: materialidade e expectativas sociais na nova migração chinesa." *DAXIYANGGUO Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos* 20 (2015): 3-28.
- Rodriguez, Edgard R. "International Migrants' Remittances in the Philippines." *The Canadian Journal of Economics / Revue canadienne d'Economie* (Wiley), 1996: 427-432.
- Rouse, Roger. "Mexican Migration and the Social Space of Postmodernism." *Diaspora A Journal of Transnational Studies*, Janeiro de 2011: 8-23.
- Schiller, Nina Glick, e Noel B. Salazar. "Regimes of Mobility Across the Globe." *Journal of Ethnic and Migration Studies* 39:2 (2013): 183-200.
- Schmoll, Camille, e Giovanni Semi. "Shadow Circuits: urban spaces and mobilities across the Mediterranean." *Identities*, nd de nd de 2013: 377-392.

- SEF. *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. 2016. [http://www.sef.pt/PORTAL/v10/PT/asp/apoioCliente/detalheApoio.aspx?fromIndex=0&id\\_Linha=6269](http://www.sef.pt/PORTAL/v10/PT/asp/apoioCliente/detalheApoio.aspx?fromIndex=0&id_Linha=6269) (acedido em 12 de Novembro de 2016).
- Semyonov, Moshe, e Anastasia Gorodzeisky. "Labor Migration, Remittances and Economic Well-Being of Households in the Philippines." *Population Research and Policy Review* (Springer in cooperation with the Southern Demographic Association) 27, Nº 5 (10 2008): 619-637.
- Silva, Elisabete. *Diário de Notícias*. 21 de 01 de 2018. <https://www.dn.pt/sociedade/interior/partilhar-tradicao-filipina-nas-escadarias-da-basilica-da-estrela-9064283.html> (acedido em 04 de 04 de 2018).
- Sim, Amy, e Vivienne Wee. "Undocumented Indonesian Workers in Macau." *Critical Asian Studies*, 26 de Março de 2009: 165-188.
- Solomon, M. Scott. "State-led Migration, Democratic Legitimacy, and Deterritorialization: The Philippines' labour export model." *European Journal of East Asian Studies* (Koninklijke Brill, NV, Leiden) 8.2 (2009): 275-300.
- Tarrius, Alain. *La Mondialisation par le bas. Les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris: Balland, 2002.
- Tarrow, Sidney. *Power in Movement: Social movements, collective action and politics*. Revised and updated third edition 2011. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- thepinoyofw. na de na de 2017. <https://thepinoyofw.com/balikbayan-box-new-law/> (acedido em 26 de 03 de 2018).
- Treto, Cázares Wendolyne Carolina. "O amor nos tempos da Glogalização, O casa das mexicanas que migram por amor para Portugal." Lisboa, Lisboa, 10 de 2012.
- Trovão, Susana Salvaterra, Sónia Cristina Caetano Ramalho, e Maria Inês Pereira Torcato David. "Transnational families, religious participation and gender dynamics: Filipino, Sao Tomean and Indo-Mozambican immigrant women in Lisbon, Portugal." *Gender, Place and Culture*, 2015: 325-343.
- Un, Ho Chi. "Breves considerações sobre as migrações e os trabalhadores não residentes em Macau." *Revista Internacional em Língua Portuguesa - Migrações* (Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)) 24 (2011): 283-290.
- Urry, Jonh. "Mobility and Proximity." *Sociology*, 2002: 255-274.
- Valles, Lynzy. *Times, MacauDaily*. 23 de 01 de 2018. <https://macaudoailytimes.com.mo/sinulog-festival-celebrates-18th-edition.html> (acedido em 04 de 04 de 2018).

Vertovec, Steven. *Transnationalism*. London & New York: Routledge, 2009.

Yuan, D. Y. *Chinese Immigration and Emigration A Population Study of Macau*. Macau: Publications Centre, University of Macau, 2000.

## Anexos

## Anexo 1

### Mapa Sudeste Asiático



Fonte: <http://www.aiaseas.org/aia-seas-2/mapa/>

## Anexo 2

### Mapa das Filipinas



### Anexo 3

#### Conteúdo das caixas *Balikbayan*



Fonte: <http://cnnphilippines.com/lifestyle/2015/08/26/OFW-balikbayan-box-Filipino-tradition.html>

## **Anexo 4**

### **Guião de entrevista**

#### **Perfil**

1. Idade/sexo
2. Estado civil
3. Nº filhos e filhas
4. Movimento e tempos migratórios
5. Origem rural/urbana/étnica
6. Nível educacional e profissional
7. Residência (local e preferências)
8. Língua/ religião
9. Posicionamento na rede/ recursos e serviços utilizados
10. Preferências culturais e de relações sociais
11. Relações com a terra de origem

#### **Tópico: Organização da comunidade**

1. Tempos e espaços de interação
2. Residência (áreas, bairros e zonas preferenciais)
3. Práticas culturais
4. Formas de solidariedade
5. Associativismo/ redes sociais
6. Relações com as Filipinas (país de origem)
7. Relações com a sociedade de acolhimento
8. Relações com outros locais/ onde tenha estado emigrada/o

#### **Tópico: Entrada/ acesso à rede**

1. Quem, quando e como ser membro e aceitação
2. Instalações, estrutura e organização
3. Relações com outras redes?



4. Recursos e serviços
5. Práticas de entre ajuda
6. Ligações com a sociedade de acolhimento
7. Relações com as Filipinas

## **Mobilidade e circulação:**

### **Percurso migratório**

#### **Partida**

1. Fatores para a tomada de decisão: motivações e razões
2. Informações sobre o destino
3. Objetivos da migração aquando da partida
4. Expetativas e aspirações à partida
5. Tipo de migração (individual, familiar, rede)
6. Tradição migratória familiar
  - a. Quem vai e quem fica
  - b. Destinos
  - c. Situação legal
  - d. Mobilidade social
  - e. Quem regressa

#### **Viagem**

1. Data
2. Preparativos
3. Rota
4. Meios de transporte
5. Imprevistos
6. Companheiros de viagem

#### **Chegada/instalação**

1. Data
2. Acolhimento

- a. Família, vizinhos, amigos do país de origem, redes ou associações, redes de entreajuda, instituições do país de origem
3. Alojamento
4. Inserção no mercado de trabalho
5. Burocracia
6. Reavaliação das expetativas

### **Planos para o futuro**

1. Ficar, regressar, voltar a migrar

### **Redes transnacionais**

1. Ligações entre a sociedade de acolhimento, a sociedade de origem e outros locais de destino da migração
2. Participação em redes transnacionais de solidariedade e entreajuda
3. Participação em redes de sociabilidade
4. Estratégias de reprodução social e cultural do grupo
5. Representações da sociedade de acolhimento

### **Circulação de cuidados**

1. Que tipo de recursos:
  - a. Materiais
  - b. Tempo
  - c. Afetos
  - d. Emoções
  - e. informação
2. Como se procede à CC à distância – quotidiano:
  - a. Telefonemas
  - b. TI – redes sociais
  - c. Transações monetárias
  - d. Correio
  - e. Encomendas (Balikbayan)

- f. Visitas
- 3. Atores envolvidos:
  - a. Perfil
  - b. Género e diferenças geracionais
  - c. papéis e responsabilidades familiares
- 4. Tempos para a CC:
  - a. ciclo de vida familiar, frequência e intensidade alteram-se?
- 5. Importância do estatuto legal e diferentes países de destino
- 6. Razões e expetativas familiares
- 7. Importância da reunificação familiar / retorno

### **Visão de comunidade**

Diferenças e semelhanças com a sociedade de acolhimento – Macau – Portugal

**[WWW.ISCSP.ULISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.ULISBOA.PT)**